

Las derechas en Brasil

Esther Solano
Gallego (Coord.)



Paraninfo de la Universidad de Alcalá



Universidad
de Alcalá

INSTITUTO UNIVERSITARIO DE INVESTIGACIÓN
EN ESTUDIOS LATINOAMERICANOS ·IELAT·

DOCUMENTOS DE TRABAJO IELAT

Nº 124 – Julio 2019

Las derechas en Brasil

The rights in Brazil

As direitas no Brasil

Esther Solano Gallego (Coord.)

Estos documentos de trabajo del IELAT están pensados para que tengan la mayor difusión posible y que, de esa forma, contribuyan al conocimiento y al intercambio de ideas. Se autoriza, por tanto, su reproducción, siempre que se cite la fuente y se realice sin ánimo de lucro. Los trabajos son responsabilidad de los autores y su contenido no representa necesariamente la opinión del IELAT. Están disponibles en la siguiente dirección: [Http://www.ielat.com](http://www.ielat.com)

Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos
Universidad de Alcalá
C/ Trinidad 1
Edificio Trinitarios
28801 Alcalá de Henares – Madrid
www.ielat.com
ielat@uah.es
+34 91 885 25 75

Presidencia de Honor:

Dr. Juan Ramón de la Fuente

Dirección:

Dr. Pedro Pérez Herrero, Catedrático de Historia de América de la Universidad de Alcalá y Director del IELAT

Subdirección:

Dr. Eduardo López Ahumada, Profesor Titular de Universidad del Departamento de Ciencias Jurídicas, Facultad de Derecho de la Universidad de Alcalá

Secretaría Técnica:

Dr. Iván González Sarro, Investigador en la Línea de Historia y Prospectiva del IELAT

Comité de Redacción/evaluadores:

Dra. Janete Abrao
Dra. Adriana Buitrago Escobar
Dra. Erica Carmona Bayona
Don Aitor Díaz-Maroto Isidro
Don Rodrigo Escribano Roca
Don Gonzalo Andrés García Fernández
Doña Yurena González Ayuso
Dra. M^o Victoria Gutiérrez Duarte
Don Carlos Martínez Sánchez
Dr. Diego Megino Fernández
Dr. Rogelio Núñez Castellano
Don Felipe Andrés Orellana Pérez
Don Mario Felipe Restrepo Hoyos
Dr. Jorge Luis Restrepo Pimienta
Dra. Aránzazu Roldán Martínez
Dra. Ruth Adriana Ruiz Alarcón
Dra. Eva Sanz Jara
Dr. Jesús Alfonso Soto Pineda
Doña Mirka Torres
Doña Rebeca Viñuela Pérez
Dra. Janete Abrao

Los DT son revisados por pares por el procedimiento de par simple-ciego (*Single-Blind Peer Review-SBPR*). (Para más información, véase el apartado de “Proceso de evaluación preceptiva”, detallado después del texto).

Consultar normas de edición en el siguiente enlace:
<https://ielat.com/normativa-de-edicion/>

DERECHOS RESERVADOS CONFORME A LA LEY
Impreso y hecho en España
Printed and made in Spain
ISSN: 1989-8819

Consejo Editorial:

UAH

Dr. Diego Azqueta
Dra. Concepción Carrasco
Dra. Isabel Garrido
Dr. Carlos Jiménez Piernas
Dr. Eduardo López Ahumada
Dr. Manuel Lucas Durán
Dr. Diego Luzón Peña
Dra. Adoración Pérez Troya
Dr. Miguel Rodríguez Blanco
Dr. Daniel Sotelsek Salem
Dr. José Juan Vázquez Cabrera
Dra. Isabel Wences Simón

Unión Europea

Dr. Walther Bernecker (Friedrich-Alexander-Universität Erlangen-Nürnberg, Alemania)
Dr. José Esteban Castro (Universidad de Newcastle, Reino Unido)
Dr. Sergio Costa (Instituto de Estudios Latinoamericanos, Universidad Libre de Berlín, Alemania)
Dr. Olivier Dabène (Instituto de Estudios Políticos de Paris (Sciences Política, Francia)
Dra. Marie-Agnès Palaisi (Université Toulouse Jean Jaurès, Francia)
Dr. Timothy Power (Universidad de Oxford, Reino Unido)
Dr. Alejandro Quiroga (Universidad de Newcastle, Reino Unido)

América Latina y EEUU

Dr. Fabián Almonacid (Universidad Austral, Chile)
Dr. Eduardo Cavieres (Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Chile)
Dr. Francisco Cueto (Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales –FLACSO-, República Dominicana)
Dr. Pablo Gerchunoff (Universidad Torcuato Di Tella, Argentina)
Dr. Christine Hünefeldt (Universidad de California San Diego, Estados Unidos)
Dr. José Luis Machinea (Universidad Torcuato Di Tella, Argentina)
Dr. Armando Martínez Garnica (Universidad Industrial de Santander, Bucaramanga, Colombia)
Dr. Carlos Marichal (El Colegio de México, México)
Dr. Carlos Iván Moreno (Universidad de Guadalajara, México)
Dr. Marcos Neder (Trench, Rossi e Watanabe Advogados Sao Paulo, Brasil)
Dr. Camilo Pereira Carneiro (Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil)
Dra. Inmaculada Simón Ruiz (Universidad Autónoma de Chile, Chile)
Dr. Peter H. Smith (Universidad de California, San Diego, EEUU)
Dra. María Eugenia Romero (Universidad Autónoma de México, México D. F.)
Dra. Lorena Vásquez (Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano, Colombia)
Dr. Guido Zack (Instituto Interdisciplinario de Economía Política, Univ. de Buenos Aires y CONICET, Argentina)

Las derechas en Brasil

The rights in Brazil

As direitas no Brasil

Esther Solano Gallego (Coord.)¹

Resumen

El presente trabajo engloba una serie de textos que pertenecen al libro "O ódio como política" (São Paulo, 2018) e intentan discurrir sobre el complejo fenómeno de las derechas brasileñas desde las perspectivas política, económica, jurídica, de seguridad y derechos humanos. Textos cortos y pedagógicos que buscan la calidad académica y también el impacto político democrático en un Brasil sumido en el autoritarismo.

Palabras clave: derechas, Brasil, Bolsonaro

Abstract

This work includes a series of texts that belong to the book "O ódio como política" (São Paulo, 2018) and attempt to discuss the complex phenomenon of the Brazilian rights from the political, economic, legal, security and human rights perspectives. Short and pedagogical texts that seek academic quality and also the democratic political impact in a Brazil immersed in authoritarianism.

Keywords: rights, Brazil, Bolsonaro

Fecha de recepción del texto: 4/junio/2019

Fecha de aceptación y versión final: 25/junio/2019

¹ Doctora en Sociología por la Universidad Complutense de Madrid. Es profesora en la Universidad Federal de São Paulo en el curso de Relaciones Internacionales y en el Máster Interuniversitario Internacional de Estudios Contemporáneos de América Latina. Especialista en sociología política. Organizadora en Brasil de los libros *¿Hay salida? Ensayos sobre Brasil* (Zouk, 2017) y *El odio como política* (Boitempo, 2018). Correo electrónico: prof.esther.solano@gmail.com



1. Introdução

Os textos apresentados neste Documento de Trabajo pertencem ao livro “O ódio como política”, organizado por mim e lançado em Brasil durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2018. A ideia do livro era juntar autores de reconhecido prestígio intelectual no Brasil, mas também com envolvimento político e compromisso democrático. Queríamos levar ao público, com uma linguagem didática e acessível, nossos estudos sobre como as direitas brasileiras se constroem e evoluem nos diversos campos da vida pública. Este livro foi nossa forma de luta contra a alternativa eleitoral autoritária que Bolsonaro representava.

Luis Felipe Miguel abre o livro apresentando os três eixos da extrema-direita brasileira: o libertarianismo, que sacraliza o mercado como regulador máximo das relações sociais, o fundamentalismo religioso, que em nome de Deus e da verdade absoluta revelada anula qualquer possibilidade de debate, e a reciclagem do perigo vermelho, o *revival* do anticomunismo na sua mais nova versão, o bolivarianismo.

Edson Teles reflete sobre a militarização da política e da vida, tão evidente sobretudo depois do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e sobre a dinâmica de produção da dualidade *inimigo interno-cidadão de bem* a partir de uma arquitetura estatal e uma sociedade racistas, patriarcais e genocidas, instrumentalizando o medo como tecnologia de controle.

Lucas Bulgarelli analisa a oposição aos direitos LGBTI nos últimos anos, resultante das alianças entre políticos conservadores, deputados católicos e evangélicos, sobretudo em partidos de centro-direita e de direita, e a partir da ideia de uma sexualidade que mobiliza os conceitos de “família” e “valores cristãos” que se sentem ameaçados pela “ideologia de gênero”, numa clara agenda anti-LGBTI na política brasileira.

Pedro Rossi e Esther Dweck caracterizam o discurso da austeridade como contraproducente e seletivo, que impõe sacrifícios à parcela mais vulnerável da população. Destacam alguns mitos, como o da metáfora do orçamento doméstico (administrar o Estado como a família administra a casa). Por trás da retórica da austeridade há um enorme benefício para o capital, que aumenta suas margens de lucro,

corta gastos, reduz as obrigações sociais do Estado e estimula a privatização dos serviços públicos.

Rubens Casara escreve sobre a direita jurídica de tradição antidemocrática, marcada por uma herança colonial e escravocrata, coadjuvante da racionalidade neoliberal do Estado pós-democrático. Destaca ainda os traços autoritários da magistratura identificados por Adorno como indícios de personalidade potencialmente fascista.

A democracia no Brasil está em jogo. Os anos 2018 e 2019 não estão sendo triviais para Brasil. Passamos pelo trauma do golpe, pelos excessos Lavajatistas, os horrores do governo Temer, um período eleitoral turbulento e os inícios predatórios e ignominiáveis do governo Bolsonaro. O silêncio não é mais uma possibilidade. A incapacidade de entender os acontecimentos tampouco. Esperamos que este livro ajude a entender melhor o processo desdemocratizante que Brasil está passando.

2. A direita na política: “a reemergência da direita brasileira”

Luís Felipe Miguel²

Que o título não induza confusão: a direita nunca esteve ausente da política brasileira³. Falo de *reemergência* para assinalar a visibilidade e a relevância crescentes de grupos que assumem sem rodeios um discurso conservador ou reacionário. Foi um fenômeno que, não por acaso, ocorreu ao longo do ciclo de governos petistas.

A tática do PT no poder, de evitar confrontos, acomodou por longo tempo a fatia majoritária da classe política brasileira, cujo único programa é a obtenção de vantagens para si mesma. Acostumada a lidar com governantes de trajetória mais conservadora, ela muitas vezes teve atritos com os petistas. Suspeitava que seu programa apontava para transformações sociais que terminariam por prejudicá-la. Também estranhava os novos ocupantes do poder, que não faziam parte de suas rodas. Lula, com o traquejo de décadas de experiência como chefe político, contornou tal incômodo, mas com Dilma

² Universidade de Brasília

³ Este capítulo faz parte da pesquisa “Democracia representativa e ruptura institucional: da teoria ao Brasil”, apoiada pelo CNPq com uma bolsa de Produtividade em Pesquisa. Excertos do texto recuperam partes dos artigos “Da ‘doutrinação marxista’ à ‘ideologia de gênero’”, *Direito e Práxis*, nº 15, 2016, pp. 590-621; e “Une criminalisation de l’éducation au Brésil?”, *Brésil(s)*, nº 14, 2018, em fase de publicação.

Rousseff ele gerou ressentimentos que desempenhariam algum papel no processo de impeachment que a derrubou. Ainda assim, para este setor, a lógica dominante sempre foi se acertar com quem está no governo, para não correr o risco de perder suas benesses.

Outros setores não estavam disponíveis para acomodação tão fácil. Aqueles que almejavam ocupar o centro do poder não se resignaram a posições secundárias no governo de outros: as lideranças do PSDB se moveram naturalmente para a oposição. Além delas, havia grupos próximos à extremidade direita do espectro político, para os quais mesmo toda a moderação do PT era insuficiente para gerar possibilidade de diálogo. Eram anticomunistas renitentes, nostálgicos da ditadura militar, alguns fundamentalistas religiosos e uns poucos liberais econômicos extremistas, cuja defesa de um Estado ultramínimo os fazia recusar, por princípio, qualquer forma de política social e para quem o petismo, por mais moderado que fosse, continuava perigosamente intervencionista.

Extremistas e tucanos formavam dois grupos distintos. O PSDB nasceu com o objetivo de agrupar a franja mais esclarecida das elites brasileiras. O termo “social democracia” no nome da sigla nunca representou mais do que um nome de fantasia, mas o partido buscava encarnar um projeto civilizador, que idealmente aproximaria o Brasil das democracias capitalistas avançadas. Criado em meio à Assembleia Nacional Constituinte, apresentava-se como reação à degradação oportunista do PMDB e buscava o resgate do projeto centrista original que unificara a oposição à ditadura.

É verdade que em seguida houve um deslocamento contínuo para a direita. Mas o partido mantinha o discurso, ainda que a prática muitas vezes o contradissesse, dos direitos humanos, das liberdades democráticas e da justiça social. Foi ao longo das gestões petistas que a desidratação eleitoral ou capitulação de seus parceiros tradicionais, que se bandearam para os novos ocupantes do poder, levaram o PSDB a se aproximar da direita ideológica. Foi o cálculo político que fez com que ele assumisse o discurso mais atrasado e fizesse da oposição ao direito ao aborto um carro-chefe da campanha presidencial de 2010 ou da redução da maioria penal uma de suas bandeiras principais em 2014. Entre os fundadores do partido, um conservador típico como Geraldo Alckmin representava uma exceção. Hoje, ele até passa por moderado.

2.1. Os três eixos da extrema-direita brasileira

Os anos petistas testemunharam, assim, dois fenômenos paralelos: o PSDB entendeu que seu caminho era liderar a direita e a direita entendeu que havia espaço para radicalizar seu discurso. Mas o uso de *direita*, no singular, precisa ser relativizado. O que há é a confluência de grupos diversos, cuja união é sobretudo pragmática e motivada pela percepção de um inimigo comum. Os setores mais extremados incluem três vertentes principais que são o chamado libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo anticomunismo.

A ideologia libertariana, descendente da chamada “escola econômica austríaca” e influente em meios acadêmicos e ativistas dos Estados Unidos, prega o menor Estado possível e afirma que qualquer situação que nasça de mecanismos de mercado é justa por definição, por mais desigual que possa parecer. É rotulada de ultraliberal, mas sua relação com o liberalismo clássico é tensa. O libertarianismo começa e termina no dogma da santidade dos contratos “livremente” estabelecidos, reduz todos os direitos ao direito de propriedade e tem ojeriza por qualquer laço de solidariedade social. Para liberais de feição mais canônica, não seria uma doutrina liberal e sim neofeudal: “Como o feudalismo, o libertarianismo concebe o poder político justificado como baseado numa rede de contratos privados”⁴.

A “liberdade” brilha como o valor central das organizações libertarianas. Seus porta-vozes se esforçam para radicalizar temas que já estão presentes, de forma mais matizada, na tradição liberal do século XVIII em diante: a oposição imanente entre liberdade e igualdade, a igualdade como ameaça à liberdade. Esta suposta oposição se torna equivalente à distinção entre a esquerda, defensora da igualdade, e a direita, que veste as cores da liberdade. O Estado, agente caracterizado pela capacidade de impor coercitivamente suas decisões, é oposto ao mercado, terreno das trocas voluntárias – definido como mercado “livre”, onde se realiza a “liberdade econômica”. Fica adensada a separação entre política e economia que é um ponto cego da doutrina liberal, desde seus primórdios. Estado, esquerda, coerção e igualdade compõem um universo de sentido, enquanto liberdade, mercado e direita formam outro.

⁴ Samuel Freeman, “Illiberal libertarians”, *Philosophy & Public Affairs*, vol. 30, nº 2, 2002, p. 120.

Esta conceituação de “liberdade”, que se resume à ausência de interferência externa, é apresentada como evidente, dispensando qualquer problematização. São silenciadas tradições filosóficas diferentes, que não operam com a dicotomia liberdade/igualdade, mas com as dicotomias liberdade/dominação (em que o problema central não é a interferência externa à ação individual, mas seu eventual caráter arbitrário) ou liberdade/necessidade (que introduz o problema da privação material como obstáculo ao exercício da autonomia humana). Para estas tradições, a igualdade não é a inimiga da liberdade. Pelo contrário, a igualdade de influência política e a igualdade de recursos seriam a base necessária para a liberdade de todos; sem elas, “liberdade” pode se configurar numa bandeira que não apenas é vazia de sentido, mas serve para encobrir múltiplas formas de opressão.

É razoável imaginar que a doutrina libertariana tem pouco potencial para se tornar popular. Por mais que a ideia de o Estado ser ineficiente tenha se disseminado, junto com a ideologia da superioridade do mercado, permanece enraizada a compreensão de que algumas obrigações são coletivas. Uma pesquisa realizada entre participantes das manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff, isto é, integrantes da base social da direita brasileira, mostrou que a concordância com a ideia de que educação e saúde devem ser públicas e gratuitas superava a casa dos 95% dos entrevistados⁵. O foco, assim, está dirigido sobretudo a formadores de opinião, gestores públicos e dirigentes empresariais. Fornecendo um programa máximo que se sabe que não será alcançado, os libertarianos pressionam o Estado a restringir sua ação reguladora.

O libertarianismo original, por sua convicção de que a autonomia individual deve ser sempre respeitada, levaria a posições avançadas em questões como consumo de drogas, direitos reprodutivos e liberdade sexual. Mesmo nos Estados Unidos, porém, tais posições tendem a estar mais presentes em textos dogmáticos do que na ação política dos simpatizantes da doutrina. Seus principais aliados são cristãos fundamentalistas e o discurso costuma apresentar o reforço da família tradicional como compensação para a demissão do Estado das tarefas de proteção social – Estado que é o inimigo comum, seja por regular as relações econômicas, seja por reduzir a autoridade patriarcal ao determinar a proteção aos direitos dos outros integrantes do núcleo

⁵ Pablo Ortellado e Esther Solano, “Nova direita nas ruas?”, *Perseu*, nº 11, 2016, p. 177.

familiar. Aliança similar ocorre no Brasil, em que o ultraliberalismo faz frente unida com o conservadorismo cristão.

O fundamentalismo religioso tornou-se uma força política no Brasil a partir dos anos 1990, com o investimento das igrejas neopentecostais em prol da eleição de seus pastores⁶. Por vezes se fala na “bancada evangélica”, mas a expressão ignora diferenças entre as denominações protestantes, invisibiliza o setor minoritário, mas não inexistente, de evangélicos com visão mais progressista e, sobretudo, deixa de lado a importante presença do setor mais conservador da Igreja Católica no Congresso, não por meio de sacerdotes, mas de leigos engajados.

O fundamentalismo se define pela percepção de que há uma verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate. Ativos na oposição ao direito ao aborto, a compreensões inclusivas da entidade familiar e a políticas de combate à homofobia, entre outros temas, os parlamentares fundamentalistas se aliam a diferentes forças conservadoras no Congresso, numa ação conjunta que fortalece a todos. Fora do Congresso, pastores com forte atuação política e forte presença nas redes sociais, como Silas Malafaia, dão voz à sua pauta.

A menção a Malafaia é útil para indicar que o fundamentalismo não significa necessariamente fanatismo. É um discurso utilizado de acordo com o senso de oportunidade de seus líderes: contribui para manter o rebanho disciplinado, imuniza-o diante de discursos contraditórios e fornece aos chefes um capital importante, isto é, uma base popular, com o qual eles negociam⁷. O controle de emissoras de rádio e televisão completa o quadro. Os líderes religiosos desempenham o papel de novos coronéis da política brasileira.

O PT entendeu esse quadro e se esforçou para criar pontes com as organizações religiosas, em alguns casos com sucesso. A Igreja Universal, que dizia – literalmente – que Lula era um emissário de Satanás, passou a apoiá-lo. Foi recompensada com espaços no governo, até mesmo ministérios, e incentivos para o crescimento de sua

⁶ Maria das Dores Campos Machado, *Política e religião* (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006).

⁷ No Congresso, a utilização de argumentos abertamente religiosos em debates sobre aborto ou família tem diminuído, o que pode ser entendido como uma resposta estratégica aos reclamos pela proteção à laicidade do Estado. Ver Luis Felipe Miguel, Flávia Biroli e Rayani Mariano, “O direito ao aborto no debate legislativo brasileiro”, *Opinião Pública*, vol. 23, nº 1, 2017, pp. 230-60.

emissora de televisão, a Record. Outros grupos, porém, permaneceram na oposição, subindo o tom das denúncias contra as administrações petistas. A ênfase na “agenda moral” conservadora aparecia como caminho para que a direita reconquistasse ao menos uma parte da base social que perdera com as políticas de combate à miséria associadas ao PT.

Tal ambiguidade favoreceu aqueles que vendiam apoio ao governo, valorizando seu passe. Como sua vinculação à agenda conservadora nunca foi minorada, era um apoio que exigia que fossem refreadas iniciativas para a extensão de direitos. E, na hora em que o governo Dilma começou a ruir, eles não tiveram dificuldade para mudar de lado e engrossar as fileiras do golpe.

A terceira vertente da direita radical recicla o anticomunismo, que parecia ultrapassado com o fim da Guerra Fria, mas ganhou nova roupagem na América Latina e no Brasil: a ameaça passou a ser o “bolivarianismo” venezuelano. A despeito do centrismo crescente de seu discurso e de suas práticas moderadas quando esteve no governo, o PT veio a ser apresentado como a encarnação do comunismo do Brasil, gerando uma notável sobreposição entre anticomunismo e antipetismo.

As três correntes não são estanques. Há um caminho, em particular, de fusão do anticomunismo com o reacionarismo moral, que passa por uma leitura fantasiosa da obra de Antonio Gramsci e recebe o nome de “marxismo cultural”. A noção de que a luta política tem, como momento central, a disputa por projetos e visões de mundo, torna-se, nas mãos de seus detratores à direita, uma estratégia maquiavélica simplória, com o objetivo de solapar os consensos que permitem o funcionamento da sociedade, por meio da manipulação das mentes. Gramsci é apresentado como alguém que bolou um “plano infalível” para a vitória do comunismo: é o Cebolinha do pensamento marxista.

Por essa leitura, um passo fundamental para a derrubada do capitalismo e da “civilização ocidental” é a dissolução da moral sexual convencional e da estrutura familiar tradicional. Afinal, “a família é a célula mater da sociedade”; se destruída, faz todo o edifício romper. Daí deriva que, na interpretação difundida por uma das referências intelectuais da direita brasileira, o filósofo e astrólogo Olavo de Carvalho, a estratégia gramsciana é “apagar da mentalidade popular, e sobretudo do fundo

inconsciente do senso comum, toda a herança moral e cultural da humanidade”⁸. O mesmo tipo de raciocínio é exposto por parlamentares da extrema-direita, como maneira de sustentar sua oposição a qualquer iniciativa para reduzir as desigualdades de gênero⁹, e chega às redes sociais na forma de denúncias contra a “ditadura comunista *gay*” em formação.

2.2. O reenquadramento do debate

Graças à visibilidade que obteve, fruto tanto de uma utilização competente das novas ferramentas tecnológicas quanto pelo espaço concedido nos meios de comunicação tradicionais, a direita extremada, em suas diferentes vertentes, contribuiu para redefinir os termos do debate público no Brasil, destruindo consensos que pareciam assentados desde o final da ditadura militar. Ainda que aparecessem vozes dissidentes e que os compromissos muitas vezes fossem apenas de fachada, o discurso político aceitável incluía a democracia, o respeito aos direitos humanos e o combate à desigualdade social. De maneira mais geral, a partir da Constituição de 1988, a disputa política no Brasil ocorria num terreno demarcado pelo discurso dos direitos, que se tornara amplamente hegemônico. A mobilização da direita rompeu com isso.

Denúncias da incompetência, ignorância ou venalidade do eleitorado mais pobre, que se tornaram correntes após a reeleição de Lula, desaguaram na defesa aberta do desrespeito aos resultados eleitorais quando eles desafiavam o que seria alguma racionalidade superior. O discurso de que os direitos humanos “protegem bandidos” deixou de ser exclusividade das margens do campo político, em particular graças à campanha pela redução da maioria penal. E as críticas pontuais aos programas sociais, que estimulariam a preguiça e desestimulariam o esforço próprio, ganharam corpo como um discurso meritocrático que apresentava a desigualdade como a retribuição justa às diferenças entre os indivíduos.

Colaboram para este resultado diversas inflexões nas visões de mundo predominantes em diferentes espaços sociais. Uma parte importante da pregação das igrejas cristãs abandonou o registro da caridade ou da frugalidade em favor da “teologia da prosperidade”, em que a fé é um investimento a ser retribuído por Deus na forma de

⁸ Olavo de Carvalho, *A nova era e a revolução cultural* (Campinas, Vide Editorial, 2014), cap. II.

⁹ Luis Felipe Miguel, “Da ‘doutrinação marxista’ à ‘ideologia de gênero’”, *Direito e Práxis*, nº 15, 2016.

vantagens materiais. Entre os trabalhadores, o declínio da atividade sindical foi acompanhado pela penetração do discurso do “empreendedorismo”, feito sob medida para dissolver a solidariedade de classe. O trabalhador – em particular o trabalhador precarizado, despedido de vínculo empregatício – é instado a ver em si mesmo um capitalista em formação. A opção preferencial dos governos petistas pela inclusão por meio do acesso ao consumo, isto é, como mobilidade social individual, certamente contribuiu para permitir a penetração desta visão de mundo.

O discurso renovado da meritocracia veio a calhar sobretudo para as classes médias, que se viam às voltas com seu eterno receio de perder a diferença em relação aos mais pobres. Trata-se de algo que é mais profundo do que o chavão usado por alguns setores da esquerda, de que a classe média está chateada com os “aeroportos lotados de pobres”. Esse sentimento decerto existe e não é necessariamente irrelevante – no século passado, Ortega y Gasset começou seu *A rebelião das massas*, logo tornado um clássico do pensamento elitista, deplorando “o fato das aglomerações”¹⁰. Mas os efeitos simbólicos e materiais da redução das distâncias sociais não se esgotam nisso. A busca da distinção social é um componente central da dinâmica das sociedades contemporâneas e o acesso ao consumo é uma das principais formas pelas quais essa distinção se manifesta. O efeito “simbólico” é um efeito sobre a percepção da própria posição na hierarquia social e, portanto, do sucesso ou fracasso como indivíduo.

Os efeitos materiais são igualmente palpáveis. A redução da vulnerabilidade dos mais pobres teve impacto inegável no mercado de trabalho, fazendo escassear a mão de obra que estava disponível a preço vil e que beneficiava esta classe média nos serviços domésticos e pessoais (cabeleireira, jardineiro etc.). Uma renda, mesmo que pequena, como a que o Programa Bolsa Família representa, permite uma condição mais favorável para a negociação de contratos de trabalho. Políticas de qualificação profissional e taxas reduzidas de desemprego permitiram que muitas empregadas domésticas migrassem para outras ocupações, uma opção atraente devido não só à possível remuneração maior, mas também à relação laboral mais bem definida e ao maior prestígio social. A extensão dos direitos trabalhistas aos empregados domésticos, ocorrida no governo Dilma Rousseff sob forte oposição das “patroas”, também ampliou o custo

¹⁰ José Ortega y Gasset, *A rebelião das massas* (São Paulo: Martins Fontes, 1987), p. 35. A edição original é de 1937.

da utilização desta mão de obra. O setor de serviços pessoais, por sua vez, vivenciou uma inflação acima do restante da economia, isto é, houve uma ampliação dos proventos, em geral muitos baixos, daqueles que os ofereciam.

A democratização do acesso ao ensino superior, que os governos do PT promoveram por meio da expansão da rede de universidades federais, da implantação de cotas sociais e raciais para o ingresso nelas e também por uma enorme ampliação do crédito para estudantes de faculdades privadas, também impactou negativamente a classe média. Uma das vantagens comparativas que ela imaginava legar para seus filhos – o “diploma” – corria o risco de deixar de ser tão exclusiva.

A má vontade da classe média foi canalizada, em primeiro lugar, para a repulsa à corrupção. Houve, sem dúvida, frustração autêntica gerada pela descoberta que a probidade petista estava muito longe daquilo que o partido alardeava. Mas a narrativa da *decadência moral*, por relevante que seja, não explica o desdobramento, que é a singularização do PT como único responsável pelos desvios éticos na política brasileira. Forma-se um nexos importante entre a percepção da corrupção petista e o preconceito de classe. De 2006 em diante, após cada eleição presidencial os analistas se debruçavam sobre os mapas de votação para constatar que a vantagem eleitoral do PT provinha das regiões mais pobres do país, em particular do Nordeste. Seria sintoma de que o eleitorado pobre era desinformado ou, pior, carente de ética, disposto a votar em “ladrões” desde que eles lhe oferecessem ganhos, como os programas de garantia de renda¹¹.

A revolta contra a corrupção é marcada pela seletividade, mas também pelo maniqueísmo. A corrupção não é entendida como um produto das relações do poder político com o poder econômico, mas como um desvio de pessoas sem caráter. A resposta a ela exige sobretudo a punição mais efetiva dos culpados. Uma análise dos grandes jornais durante a crise do mensalão revelou que eles “podem ter sido ‘incendiários’ na conjuntura, mas adotaram antes a postura de ‘bombeiros’ em relação a

¹¹ É comum se exigir do eleitorado pobre um altruísmo que não se espera dos ricos. Quando um empresário define seu voto de acordo com a expectativa de vantagens fiscais, é um modelo de eleitor racional. O eleitor pobre que vende seu voto ou mesmo espera políticas compensatórias é desprovido de espírito cívico. Para uma discussão, cf. Luis Felipe Miguel, *Consenso e conflito na democracia contemporânea* (São Paulo: Editora Unesp, 2017), cap. 3.

possíveis questionamentos de longo alcance do sistema político”¹². O veredito permanece válido para os escândalos posteriores. Seletividade e maniqueísmo marcaram não só a mentalidade da classe média, mas também a cobertura jornalística e a ação do aparelho repressivo de Estado.

Reportagens em jornais e redes de televisão, processos judiciais, investigações policiais e boatos gerados na internet realimentaram-se, gerando uma nuvem de informações verdadeiras, duvidosas ou indubitavelmente falsas que estigmatizava o PT – e, por consequência, toda a esquerda – como encarnação da desonestidade e do mal. Entre os rumores mais absurdos, fabricados e disseminados na internet, e a cobertura de jornais e emissoras de televisão não há uma fronteira e sim um *continuum*. A maior parte da mídia convencional não dava guarida aos boatos mais risíveis, embora alguns deles pudessem aparecer em veículos marginais que abandonaram a pretensão de credibilidade (como a revista *IstoÉ*). Mas o noticiário enviesado fomentava a visão maniqueísta do público e, assim, consolidava o ambiente mental que permitia que mesmo as falsificações mais disparatadas ganhassem foros de verdade. Assim, as pesquisas realizadas nas passeatas pelo impeachment de Dilma mostraram que a maioria dos presentes concordava com afirmações como as de que o filho de Lula era o proprietário da Friboi, de que a facção criminosa Primeiro Comando da Capital era o braço armado do PT ou de que os governos petistas trouxeram milhares de haitianos para fraudar as eleições no Brasil¹³.

Este anedotário é revelador do grau de irracionalidade do debate político. Ainda mais grave, porém, é o fato de que a paulatina ampliação do politicamente dizível, com a emergência do discurso contrário à solidariedade social propagado pela extrema-direita, permitiu que uma fatia importante das classes médias assumisse de forma clara seu desconforto com a redução da distância que a separava dos pobres. As grandes manifestações pelo impeachment, em 2015 e 2016, tiveram entre seus eixos discursivos a defesa da “meritocracia”, a denúncia dos “vagabundos” e o saudosismo manifestado em frases como “eu quero meu país de volta” – todas formas de expressão de repulsa pelos programas de inclusão social. (A pesquisa entre manifestantes paulistas, já citada,

¹² Luis Felipe Miguel e Aline de Almeida Coutinho, “A crise e suas fronteiras”, *Opinião Pública*, vol. 13, nº 1, p. 121.

¹³ Eu me reporto aqui à “Pesquisa com os participantes da manifestação do dia 12 de abril de 2015 sobre confiança no sistema político e fontes de informação”, coordenada por Esther Solano e Pablo Ortellado e disponível no endereço <https://gpapai.usp.br/pesquisa/120415/> (acesso em 3 fev. 2017).



indica forte rejeição às cotas raciais nas universidades e concordância com a ideia de que o Programa Bolsa Família “só financia preguiçoso”.) Desde o início, estes conteúdos foram centrais no discurso das lideranças das mobilizações, tanto entre os movimentos de proveta quanto entre os jornalistas da televisão. A possibilidade de mobilização política deste desconforto com a igualdade dependeu de um trabalho prévio de demolição da noção de solidariedade social que fundamentava o consenso, existente ao menos da boca para fora, sobre a necessidade de construir um Brasil mais justo. Este foi o grande trabalho ideológico da direita nos últimos tempos.

3. A direita na segurança pública: “a produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção”

Edson Teles¹⁴

Na véspera da audiência de julgamento do *habeas corpus* ao ex-presidente Lula, o general Eduardo Villas Bôas perguntou “às instituições e ao povo quem realmente está pensando no bem do país e das gerações futuras”. As palavras do comandante do Exército, instituição que esteve à frente da ditadura, repercutiram como ameaças ao Supremo Tribunal Federal (STF), o qual, ao final, negou a solicitação, em 4 de abril de 2018. O militar ainda disse que “se mantém atento às suas missões institucionais” e, enquanto representante dos “cidadãos de bem”, está pronto para intervir em defesa da ordem¹⁵.

Nos anos 1960, acrescentou o comandante do Exército, o Brasil permitiu que a “linha de confrontação da Guerra Fria dividisse a nossa sociedade”, o que teria imposto a intervenção militar de 1964. “E, hoje, o momento é de linhas de fratura, o que exige a recuperação de uma coesão nacional, o restabelecimento de uma ideologia de desenvolvimento e um sentido de projeto, para que as gerações futuras não venham a passar o que ocorreu há 50 anos”¹⁶. Em tom intimidatório, igualou o discurso de segurança nacional durante a ditadura, de combate aos “subversivos”, com a ficção de um sujeito imaginário contrário à pátria nos dias atuais.

¹⁴ Universidade Federal de São Paulo

¹⁵ Cf. “Comandante do Exército diz que compartilha ‘anseio de repúdio à impunidade’”. *GI*, 03 abr. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/comandante-do-exercito-diz-que-compartilha-anseio-de-repudio-a-impunidade.ghtml>. Acessado em 20/07/2018.

¹⁶ Cf. “Momento do país exige recuperação da coesão nacional, diz general Villas Bôas”. *O Estado de S. Paulo*, 06 jul. de 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral.momento-do-pais-exige-recuperacao-da-coesao-nacional-diz-general-villas-boas,70002389488>. Acessado em 20/07/2018

Ao menos desde junho de 2013, e fortalecido com o golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Roussef, intensificaram-se as ações de militarização da vida e da política. Isso ocorre por meio da lógica, própria ao período da ditadura militar, da produção do inimigo interno às relações sociais, o qual é caracterizado como ameaça à ordem e à paz.

Nossa hipótese é a de que certos regimes de produção de subjetividades binárias e antagônicas, aliados às condições históricas de dominação, implicam fortalecimento e incremento de estratégias e tecnologias de controle social. Diante de uma sociedade racista, patriarcal e etnocida, estruturada para favorecer os proprietários e as velhas e novas oligarquias, experimentam-se modos de anular ou de destruir qualquer prática de resistência.

No Brasil, mais de 60 mil pessoas são vítimas de homicídio a cada ano¹⁷. São mortes com características próprias, tanto em seus aspectos territoriais, quanto em relação ao perfil socioeconômico e racial. Os dados mostram um acentuado aumento da letalidade, já que na década anterior (anos 2000) a taxa média ficava entre 50 e 55 mil homicídios ao ano. Nesse cenário, destacam-se as violações de direitos cometidas por agentes de segurança pública, justamente quem deveria ou poderia diminuir tais índices.

As vítimas endêmicas da violência urbana são jovens negros e pobres das periferias, bem como mulheres. Um jovem negro tem 147% mais chances de sofrer homicídio do que um branco. O país supostamente cordial e democrático tem três mulheres assassinadas por dia. Na maioria, mulheres negras. Segundo pesquisa da Flacso, entre 2003 e 2013 a morte violenta de mulheres negras aumentou 54%, enquanto a de mulheres brancas diminuiu 9,8%¹⁸.

Genocídio do negro, feminicídio e etnocídio, entre outras graves violações, são as marcas de uma sociedade bélica, ainda que astuta o suficiente para se declarar respeitosa das diferenças e racialmente democrática. Se somarmos o fato de que os próximos anos serão de graves dificuldades no acesso aos direitos trabalhistas, com Previdência Social cada vez menos eficaz e um mundo do trabalho escasso e

¹⁷ Estão computados os óbitos por agressão e os causados por intervenção legal. Cf. “Atlas da Violência 2018”. (Rio de Janeiro: Ipea e FBSP, 2018).

¹⁸ Julio Jacobo Waiselfisz, Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil (Brasília: Flacso, 2015).



precarizado, a violência tende a piorar. O círculo vicioso – habitação, escola, saúde, trabalho – produz um racismo (e sexismo) naturalizado e estabelecido como o normal nas práticas sociais. Assim, a forma violenta de sociabilidade configura-se no senso comum como a normalidade.

A expressão “sensação de insegurança” tem se tornado o bordão mais ouvido e falado quando o assunto é segurança pública. Parece-nos que ela pode ser lida como a representação do medo instalado nas subjetividades e que as conduzem a desejarem medidas duras contra os perigos do cotidiano. Reverberando a violência naturalizada, demanda-se ações policiais fora dos padrões de dignidade humana e a criação de leis com ainda maior poder punitivo.

O medo que emerge através da percepção de fragilidade serve como um dispositivo de governo e autoriza o uso de força desmedida por parte das instituições. Tal como em um laboratório, experimenta-se a produção de modos de vida apoiados no risco, ao mesmo passo em que se realiza a montagem de um estado securitário como remédio.

Há décadas a gestão da segurança pública aposta na militarização da vida e na estratégia da guerra. O resultado tem sido o aumento da violência e a criação de territórios nos quais o Estado aterroriza suas populações. É o caso, por exemplo, das favelas, das periferias pobres, das ocupações de movimentos de luta por moradia, dos presídios. Nesses espaços, o Estado age com desmesura. Sob a justificativa de restabelecer a ordem, acionam-se medidas de exceção a partir de mecanismos jurídicos¹⁹.

Quanto mais o Estado é violento, mais o quadro social se apresenta como de crise causada pela criminalidade e mais se autoriza o investimento em ações extra-legais. Do ponto de vista da gestão da vida, é mais efetiva a desordem do que relações harmônicas. Assim, faz-se necessário a disseminação de subjetividades agressivas, seja

¹⁹ Os estados de exceção, como hoje sabemos muito bem, funcionam a partir dos ordenamentos dos estados de direito, cumprindo os objetivos de satisfazer uma necessidade, acionados subjetivamente (um comando policial, um grupo de congressistas, meia dúzia de juízes) e, invariavelmente, com efeitos políticos nefastos. Trata-se de suspender o lícito em favor do ilícito. Porém, diferentemente do que muitos de nós teimávamos em desacreditar, seu acionamento se dá a partir das leis dos regimes democráticos. Há nestas constituições os mecanismos necessários para liberar o autoritário, tornando-o indistinto em relação ao democrático. Vimos esse processo no golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. Cf. Giorgio Agamben, *Estado de exceção*. (São Paulo: Boitempo, 2004).

qual for o alvo (podendo até mesmo ser o próprio Estado e a ordem), para se manter o discurso de militarização e pacificação²⁰. Há nesse processo a eficaz estruturação de uma sociedade de controle, disciplinamento e punição, cujo cidadão, domesticado e submisso, deve se tornar ainda mais produtivo e ser anulado enquanto potência transformadora.

O Estado tornou-se multifacetado, aprofundou e desenvolveu suas técnicas e tecnologias de governo e, principalmente, ampliou sua rede de ação. Seja na posse latifundiária e industrial das terras; na criação e aperfeiçoamento das polícias militares; na reprodução de um sistema de transporte público de contenção da livre circulação; na manipulação dos sistemas educacionais e de saúde de modo a favorecer as grandes corporações²¹; na estrutura urbana de habitação extremamente desigual. São várias as fisionomias dos dispositivos autoritários de administração e domínio.

A militarização vem num crescente desde a promulgação da Constituição, em 1988. Na nova Carta Magna pouco se alterou a abordagem dos temas relativos à segurança pública e nacional em relação ao período ditatorial²². A cada novo governo da democracia pós-ditadura, mais instrumentos de militarização foram sendo acionados a partir de dispositivos legais precariamente regulamentados²³.

²⁰ Trabalhei a astúcia do uso do discurso de pacificação e de reconciliação no processo de militarização na democracia em Edson Teles, *O abismo na história*. Ensaios sobre o Brasil em tempos de comissão da verdade. (São Paulo, Alameda, 2018).

²¹ As corporações privadas ou públicas têm imposto modelos de ensino contrários à democracia e à diversidade e visando satisfazer seus interesses de mercado, no mundo do trabalho e, até mesmo, ideologias militares. É o caso de uma escola pública gerida pela Polícia Militar, em Goiás. Diariamente, os alunos passam por “revistas” feitas por policiais “na porta da escola, que costumam barrar meninas com esmalte nas unhas ou cabelos soltos e rapazes com costeleta fora do padrão ou barba e bigode por fazer”. Havendo alguma infração o aluno pode ser levado para a sala do diretor, um tenente-coronel, cujas paredes são “adornadas por 30 cabeças de caveira de plástico e metal”. A descrição das práticas de ensino em escolas administradas por militares está disponível em: <https://epoca.globo.com/numero-de-escolas-publicas-militarizadas-no-pais-cresce-sob-pretexto-de-enquadrar-os-alunos-22904768>. Acessado em 20 de julho de 2018.

²² Cf. Edson Teles e Vladimir Safatle, *O que resta da ditadura. A exceção brasileira*. (São Paulo: Boitempo, 2010).

²³ A ONG Artigo19 publicou um Infográfico sobre a intensificação dos mecanismos de restrição ao direito de protesto nos últimos cinco anos (2013-2018). Segundo o documento, “desde Junho de 2013, marco inicial desta análise, a repressão policial mesclou-se a outras iniciativas de limitação à liberdade de expressão e ao direito de manifestação, a exemplo de propostas legislativas e decisões judiciais restritivas”. São “sofisticadas restrições, marcadas ainda pela articulação institucional entre os poderes Executivo, Legislativo e o Sistema de Justiça”. O documento “5 anos de Junho de 2013” está disponível em: <http://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2018/06/Infográfico-5-anos-de-junho-de-2013.pdf>. Acessado em 20 de julho de 2018.

São operações que desfazem as separações jurídicas e éticas entre o legítimo e o ilegítimo, o democrático e o autoritário. Estes dispositivos encontram-se cada vez mais disseminados e assumem caráter permanentes. Tais formas de contenção emergem com base na construção de perfis e comportamentos de territórios e coletivos, aos quais são atribuídos qualificações e graus de risco à ordem.

Momento máximo da militarização foi a intervenção federal no Rio de Janeiro, a partir de fevereiro de 2018. Sob a alegação de uma explosão da violência urbana²⁴ o presidente Temer, de fato, entregou a gestão do Estado aos militares, fazendo eco às forças conservadoras. O mecanismo constitucional acionado paralisou os trabalhos do Congresso Nacional, o qual aprovou sua própria capitulação com a ampla votação a favor do decreto intervencionista (340 votos a favor e 72 contra na Câmara dos Deputados, em 19 de fevereiro de 2018). De acordo com a legislação, não se pode votar emendas à Constituição enquanto durar o procedimento no Rio de Janeiro. Com isto, o governo se eximiu da incapacidade de aprovar a Reforma da Previdência e procurou desviar o foco das eleições presidenciais para a questão da segurança pública, evitando o debate sobre a quebra do frágil processo democrático.

Contudo, não nos parece que isso indique a existência de um projeto político conservador centralizado. Nem mesmo que a ditadura não tenha sido derrotada e permaneça nas instituições do Estado. Não se trata apenas de algo que permaneceu, mas de uma estrutura autoritária, institucional e também pulverizada nas variadas formas de relações sociais que têm se sofisticado nas últimas décadas.

Além das perguntas sobre o que resta da ditadura e acerca do que foi produzido pelo golpe institucional contra a presidenta Dilma Roussef seriam salutares questões sobre qual paradigma, quais técnicas ou tecnologias de governo, com quais arquiteturas e engenharias políticas a democracia (e, hoje, o que sobrou dela), produziu e

²⁴ No momento da intervenção, o Estado do Rio de Janeiro era a 11ª unidade da federação em homicídios (37,6 mortes por 100 mil habitantes contra 60 por 100 mil no Sergipe). Assim como os índices de homicídios, roubos e outras formas de violência urbana já foram expressivamente maiores em outros momentos no Rio de Janeiro. Nos anos 1990, eram 60 homicídios por 100 mil habitantes; no começo dos anos 2000, 55 por 100 mil. Acrescente-se o fato de que intervenções militares ocorrem faz anos e com resultados negativos na redução da violência: foram várias ações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), como no Complexo do Alemão, de 2010 a 2012, na Maré entre 2014 e 2015 e na Rocinha a partir de setembro de 2017. Isto somente para citar intervenções com uso das Forças Armadas. De fato, a violência que mais vem crescendo é a decorrente de ação policial: saltou de 416 mortes por intervenção policial em 2013 para 1.124 em 2017. Cf. Silvia Ramos (coord.). *À deriva: sem programa, sem resultado, sem rumo*. (Rio de Janeiro: Observatório da Intervenção/CESec, abril de 2018).

intensificou as estratégias de dominação? A quem serve, quem se fortalece, quem é silenciado? Qual saber é autorizado e qual é desqualificado nas atuais artimanhas conservadoras?

A sinergia entre operações de guerra às drogas, de repressão às manifestações, de higienização social e de eliminação ou descarte de vidas nas favelas e nos territórios pobres é a confirmação maior da militarização. E quem produziu os territórios apropriados para sofrer a intervenção são os que estão à frente da gestão da vida. É uma política que já vem sendo testada nos conflitos de terra, nas periferias das grandes cidades, nos entornos de estádios, nos megaeventos esportivos. Seja com ações diretas ou, o que é mais comum, com a ausência de serviços e políticas públicas, alimentando-se a condensação do emergencial e do abjeto em territórios minoritários, desqualificados e não autorizados pela ordem. Em seguida, faz-se uso dessa condição para liberar a exceção violenta e autoritária.

O pano de fundo da militarização na história recente é a ideologia do inimigo interno elaborada na ditadura e potencializada nas últimas décadas²⁵. A democracia manteve a concepção de segurança pública como a guerra contra o inimigo, este variando entre “bandidos”, militantes de movimentos sociais, jovens negros e pobres, loucos, traficantes, pessoas LGBTIs, indígenas. Em junho de 2013 e em outros momentos de conflitos fora da média aceita pelas políticas de contenção (ocupações secundaristas, “Não vai ter Copa”, “Fora Temer”, luta por moradia), combinou-se a repressão policial com a produção do inimigo e o elogio de um poder higienizante e pacificador²⁶.

Cria-se, por um lado, o “cidadão de bem”, trabalhador (ou proprietário) e ordeiro, e, por outro, o vagabundo, vândalo, drogado, arruaceiro, o indivíduo fora das bordas que delimitam o possível autorizado pela ordem. Por meio da combinação do

²⁵ A Doutrina de Segurança Nacional surgiu nas Forças Armadas brasileiras a partir dos contatos com os militares norte-americanos, desde as ações da Força Expedicionária Brasileira (FEB), ainda na Segunda Guerra Mundial. Sua elaboração e divulgação em discurso ideológico ficaram sob o mando da Escola Superior de Guerra (ESG), instituição ligada ao Ministério da Defesa. Sob a justificativa de combate ao comunismo e aos subversivos, os militares organizaram, junto com setores civis, um forte aparato repressivo no qual o “inimigo” a ser combatido não viria do exterior, invadindo as fronteiras do país. O perigo à ordem estaria nas ações dos próprios brasileiros.

²⁶ Em julho de 2018, em um claro ato de criminalização das lutas sociais, vinte e três ativistas que participaram das manifestações de junho de 2013 e dos protestos contra a Copa do Mundo foram condenados a penas entre 5 e 7 anos de prisão por crimes de formação de quadrilha, lesão corporal, dano qualificado e corrupção de menores.

medo com a percepção de uma força acima das leis, legitima-se a violência. A norma se impõe pela força (e apoiada nas leis) e sua lógica é a da produção do anormal, do patológico, em relação ao qual ela deve agir com rigor para curá-lo, eliminá-lo ou, ao menos, anulá-lo.

As resistências passam a ser tratadas como indesejáveis, perigosas e perniciosas ao corpo social. Os atos bélicos dirigem-se contra essas subjetividades e suas ações e performances de abertura. É também uma guerra de subjetivação. Contra as subjetividades das experimentações de múltiplas práticas, dos habitantes dos morros e das periferias, dos afetos proibidos e das anormalidades.

É justamente nas ranhuras e porosidades do cotidiano, onde a violência busca suprimir ou conduzir os desejos de transformação, que se criam as mais eficazes estratégias de resistência. A militarização da vida, segundo o discurso pacificador dos “cidadãos de bem”, tem como alvo subjetividades revolucionárias (os corpos em luta, em especial os dos negros, dos pobres e das mulheres), as mesmas que criam e acumulam saberes das revoltas sociais e das práticas de sobrevivência.

Sustentamos que a militarização não se restringe à presença de forças de segurança na esfera pública. Trata-se do termo de definição das redes que infinitamente derivam em conexões de forças descentralizadas. Nos referimos aos discursos, estratégias, instituições, arquiteturas, performances, representações, entre tantos outros artefatos que eventualmente possam relacionar e efetivar técnicas e tecnologias de condução das subjetividades. Assim, não existiria um ponto central ou de intersecção das estratégias e ações do militarismo. A estrutura repressora do Estado e o governo das subjetivações cristalizam os elementos de dominação, fundamentalmente em torno do racismo, do patriarcalismo e da diferença de classes.

O termo militarismo parece propício para descrever as formas autoritárias, pois tem a potência de conjumar o discurso da guerra e as estratégias de combate ao inimigo. Ademais, remete ao histórico violento de controle, na medida em que se refere às instituições militares, as quais estiveram à frente da ditadura e de outros momentos de agressão do Estado contra coletivos em luta ou em resistência.

Buscamos demonstrar como a militarização, e toda a violência que dela deriva, fomenta as práticas autoritárias e conservadoras, bem como delas depende para ser eficaz. Entretanto, a proliferação de novas relações, comportamentos e vivências políticas pode ser o prenúncio de potências criativas de resistência. Se a norma procura negatizar tudo o que não lhe é próprio, as anomalias indicam modos diferentes de lidar com as adversidades.

4. A direita e as minorias: “moralidades, conservadorismos e direitos LGBTI nos anos 2010”

Lucas Bulgarelli²⁷

A cena política nacional dos anos 2010 tem convivido com uma intensificação da crítica e da oposição aos direitos LGBTI. Este texto apresenta uma proposta de análise²⁸ de alguns eventos recentes que colaboram para a interpretação de transformações e realinhamentos em torno dos direitos LGBTI. Sem a pretensão de esgotar a análise sobre estes processos, invisto em uma discussão que considere o modo como esse debate tem aparecido em disputas relacionadas à política institucional-representativa, mas também dentro e fora da internet, alcançando públicos cada vez mais amplos e jovens.

Do ponto de vista da política parlamentar-partidária, a oposição aos direitos de mulheres e LGBTI tem se estabelecido, grosso modo, por meio das alianças entre políticos conservadores, deputados católicos e evangélicos, sobretudo em partidos de centro-direita e de direita. A constituição de alianças contrárias a esses direitos tem sido bem sucedida²⁹ ao barrar todos os projetos de leis diretamente relacionados aos direitos LGBTI apresentados no Congresso até hoje. Trata-se de uma agenda contrária aos direitos dessa população e que manteve algum grau de afinidade com a base de apoio parlamentar de diferentes governos nestas últimas décadas.

Mesmo em administrações petistas, a oposição conservadora e fundamentalista a esses direitos ganhou espaço e força política. Notadamente nos governos de Dilma Rousseff, o fortalecimento de alianças com grupos católicos e evangélicos foram

²⁷ Universidade de São Paulo

²⁸ Estudos recentes têm buscado analisar este fenômeno por meio de diferentes abordagens. Veja indicações na Bibliografia.

²⁹ Exemplos neste sentido são o projeto de “Lei de Combate à Heterofobia” (PL 7382/2010); o PL 6583/2013, que estabelece um “Estatuto da Família”; o PL 01/2015, que visa instituir a “Escola sem Partido” e a retirada do termo “gênero” do Plano Nacional de Educação aprovada pelo Congresso em 2015, desencadeando o mesmo fenômeno em diversos Planos de Educação estaduais e municipais.

fundamentais para a governabilidade. O custo disso foi um afastamento cada vez maior do governo com as prioridades dos movimentos LGBTI. Tais concessões não impediram que deputados e senadores próximos ao governo e contrários aos direitos LGBTI se alinhassem às forças responsáveis pelo impeachment de Rousseff em 2016, acusada pelo crime de responsabilidade fiscal.

Embora a atuação de deputados religiosos e/ou conservadores contrários aos direitos LGBTI pareça recente, o avanço destas articulações remete ao processo de elaboração da Constituição de 1988. Parte significativa da resistência aos direitos de gays e lésbicas na Assembleia Constituinte é creditada ao que Cristina Câmara³⁰ identificou como uma bancada evangélica. Essa articulação assegurou a retirada da expressão “orientação sexual” do rol de direitos fundamentais do texto constitucional. Disso decorre a promulgação de uma Constituição democrática que não faz referência à vedação de discriminação por motivos de sexualidade. A autora relata que, apesar de existirem constituintes evangélicos que podiam ser situados como de esquerda ou centro-esquerda, a exemplo da deputada constituinte Benedita da Silva³¹, uma série de embates entre evangélicos e militantes homossexuais tomou conta das votações.

O crescimento e o fortalecimento de uma bancada evangélica no Congresso podem ser acompanhados por meio das pesquisas realizadas pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP). De acordo com o levantamento do órgão sobre atual legislatura (2014-2018), a Frente Parlamentar Evangélica (FPE), registrada na Câmara dos Deputados desde 2003, apresenta um crescimento médio de 20% a cada nova eleição, resultando atualmente em um grupo composto por 198 deputados e quatro senadores³². Embora sejam muitas as denominações e vertentes religiosas de matriz evangélica que compõem a FPE, suas atuações em votações envolvendo gênero e sexualidade costumam ser direcionadas à defesa de ideias como “família” e “vida”, bem como a uma oposição ao que é considerado um desvio dos “valores cristãos”.

³⁰ Cristina Câmara, *Cidadania e Orientação Sexual: a trajetória do grupo Triângulo Rosa* (Rio de Janeiro, Academia Avançada, 2002), p.18.

³¹ A então deputada, inclusive, ao aderir à defesa dos direitos homossexuais, afastou-se da maior parte da bancada evangélica, que era acusada na época de se envolver em acordos pouco transparentes em trocas de concessões de emissoras de rádio (Ibidem, p. 136).

³² De acordo com o registro da última legislatura (2014-2018) da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional disponível no portal da Câmara dos Deputados, em <http://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53658> <Acessado em 10/08/2018>

A bancada evangélica tem cumprido um papel protagonista no impedimento da aprovação de projetos como o PL 122/2006³³ (ou “Projeto de Lei Anti-homofobia”), o PL 612/211³⁴ que permite o reconhecimento legal da união estável entre pessoas do mesmo sexo e o PL 5002/2013³⁵ ou “Lei de Identidade de Gênero João Nery”. Apesar disso, é necessário compreender a natureza das alianças que têm impedido a efetivação destes direitos. Sem dúvidas, os projetos embutidos em tais alianças extrapolam a defesa de uma agenda anti-LGBTI e se vinculam a diversos interesses. Mas são os temas morais, em que se incluem os debates sobre gênero e sexualidade, que ganham especial destaque ao se tornarem fonte de intensa disputa.

A centralidade nas disputas em torno das moralidades ou, mais que isso, de perspectivas moralizantes, tem estimulado o surgimento de candidatos que ganham notoriedade por posicionamentos anti-direitos LGBTI e anti-direitos das mulheres. Parte importante da projeção midiática e da plataforma política do deputado federal Jair Messias Bolsonaro (PSC-RJ), por exemplo, pode ser avaliada neste sentido. Militar de reserva, deputado federal em sexto mandato consecutivo, Bolsonaro se popularizou nacionalmente por posições nacionalistas, militaristas e conservadoras. Suas críticas ao comunismo e à esquerda, sua defesa da ditadura militar e de práticas de tortura e sua oposição declarada aos movimentos feminista, LGBTI e negro passaram a repercutir amplamente nas mídias sociais e na imprensa. Frases como “Eu fui num quilombo, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas, não fazem nada” e “Eu tenho cinco filhos, foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” ou

³³ Apresentado pela deputada Iara Bernardi (PT-SP), o então PL 5003/2001 sofreu uma série de resistências tanto na Câmara como posteriormente no Senado. Para algumas entidades cristãs evangélicas e católicas, o argumento utilizado era o de que o projeto feria abertamente a liberdade religiosa e a liberdade de expressão. Ao ter sido remetido ao Senado, o já PL 122/2006 tramitou por comissões e permanece até hoje na Comissão de Direitos Humanos, sob relatoria da senadora Marta Suplicy (MDB-SP, na época PT-SP). Apesar das tentativas de mediação da senadora com o então senador [Marcelo Crivella](#) (PRB-RJ, atual prefeito do Rio de Janeiro pelo mesmo partido), o projeto continua dependente de apreciação do plenário.

³⁴ Proposto pela senadora Marta Suplicy, o projeto teve sua tramitação barrada pelo senador Magno Malta (PR-ES), que apresentou recurso ao PL em maio de 2017, impedindo com que a matéria fosse remetida para apreciação na Câmara.

³⁵ De autoria do deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ) e da deputada Erika Kokay (PT-DF), o projeto se baseia na Lei de Identidade de Gênero argentina para criar um marco legal ao tratamento dispensado pelo Estado para travestis e pessoas trans. As audiências sobre o projeto na Câmara, em 2015, envolveram alguns tumultos que colaboraram para que o projeto deixasse de ser votado. Um episódio na audiência do dia 25 de junho de 2015 no Congresso, foi particularmente repercutido pela imprensa. No meio do discurso do pastor Silas Malafaia na Comissão Especial do Estatuto da Família, a deputada e co-proponente do PL João Nery, Erika Kokay, depois de ter sido citada pelo pastor, tentou se retirar do plenário, no que foi impedida fisicamente de fazê-lo pelo deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ).

ainda “Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo” são repetidas e compartilhadas em grupos de discussão no Facebook.

Dentre os seus simpatizantes, chama a atenção a adesão crescente de jovens e adolescentes - refiro-me particularmente à faixa dos 13-17 anos, mas também à faixa dos 8-13 anos. Muitos destes jovens têm iniciado seu engajamento político pela internet em torno da figura do deputado e presidenciável. Invasões a páginas e perfis de militantes LGBTI são algumas das ações adotadas por estes grupos. Isso não significa, no entanto, que estes processos de engajamento sejam menos legítimos. Trata-se, pelo contrário, de um aprendizado político bastante eficaz que se baseia em grande parte na valorização da discriminação contra populações como LGBTI.

Nesse sentido, é possível afirmar que a agenda anti-direitos LGBTI tem sido tão contrária a tais direitos como o é em relação aos direitos humanos e aos seus defensores. Em nível nacional e em escala global, a ideia de que um consenso mínimo foi construído nas últimas décadas em torno das pautas de direitos humanos alimenta o imaginário daqueles que se sentem injustiçados por viverem em um mundo um pouco menos desigual. É na disputa em torno do próprio sentido da desigualdade que se produz um cenário onde o estabelecimento dos direitos humanos teria ido longe demais, desequilibrando o que supostamente parecia equilibrado. Infiltraram-se das instituições estatais à política, do núcleo familiar às mentes das gerações futuras.

Nas mesmas escolas em que estudantes secundaristas lutaram por uma educação de qualidade bastante alinhada às bandeiras dos movimentos LGBTI, feministas e negro, há muitos jovens que não se viram representados pelas ocupações. Não é de se espantar, portanto, que o crescimento da candidatura de Jair Bolsonaro tenha oferecido a muitos desses jovens uma alternativa capaz de fazer experimentar a vida política de maneira rebelde, contestatória e anti-sistêmica. Até mesmo a noção de opressão passou a ser reinterpretada. Para uma juventude receosa em ser tomada como careta, despolarizada, à margem do curso da história, as representações da opressão funcionam como um dispositivo não apenas legítimo, mas também “bacana” de se posicionar politicamente.

A disputa em torno da visita da filósofa Judith Butler ao Brasil (em novembro de 2017) e a abertura da exposição Queermuseu em Porto Alegre (em setembro do mesmo

ano) são dois episódios que ajudam a entender a centralidade das disputas em torno de temas morais. Ambos os eventos foram marcados por manifestações que denunciavam a suposta “ideologia de gênero” defendida por Butler e pela curadoria da exposição. Creio serem insuficientes as explicações que atribuem tais denúncias ao desconhecimento da obra da autora ou à falta de interpretação de imagens. Muitos daqueles que saíram em defesa de Butler e do museu também não sabiam desenvolver com exatidão os conceitos da autora ou nomear quais obras estavam expostas. O que vale observar, antes disso, são os regimes de verdade implicados nestes posicionamentos. Afinal, para se opor às bandeiras do movimento LGBTI não basta mais apelar a qualquer noção religiosa, metafísica, tradicional ou biológica. Não basta mais manter as coisas como elas são ou deveriam ser. É necessário precisamente defender e disputar estes valores na esfera pública, seja no Parlamento ou nas redes sociais.

A meu ver, expressão “ideologia de gênero” merece ser entendida a partir do deslocamento do próprio significado de gênero. Trata-se de um mecanismo simples, embora bastante engenhoso, que consiste em reduzir esta categoria a uma ideologia, parcializando sua legitimidade e neutralizando seus efeitos. É característico deste formato de disputa a multiplicação de políticos e candidatos que adotam a “ideologia de gênero” como um mal a ser combatido. Desde então professores passaram a enfrentar reações hostis quando abordam gênero e sexualidade em aula, temas considerados controversos, quando não proibidos, por pais e diretores. Essa postura persecutória facilita o trabalho de desconstrução e transformação do gênero em uma categoria diabólica, a chamada “ideologia de gênero”, tornando-se facilmente desqualificável.

Antes de um mau uso ou de uma interpretação equivocada do gênero por parte daqueles que o interpretam como uma ideologia, é preciso estar atento aos efeitos dessas torções. Uma crítica possível ao argumento da “ideologia de gênero” passa por decodificar os processos que produzem uma noção do gênero como perigo a ser combatido. Isso implica uma defesa enfática da natureza social e construída das diferenças entre os corpos. Afinal, é preciso que fique claro que o gênero já opera nas escolas e universidades, nos museus e peças de teatro, no núcleo doméstico e familiar, quer exista ou não exista um debate sobre o tema em cada uma destas instituições. A necessidade de direitos LGBTI em nada se relaciona à doutrinação de jovens que, antes mesmo do nascimento, já tinham seu gênero especulado e sua sexualidade determinada

por familiares. A questão é justamente incidir nas operações assimétricas pelas quais o gênero e a sexualidade distinguem sujeitos a todo momento. A defesa e a atualidade dos direitos LGBTI dependem, cada vez mais, de um esforço político centrado na politização e não na desqualificação do debate. Embora expressões como “queer” e “gênero” tenham íntima relação com a trajetória dos movimentos feministas e LGBTI, talvez seja o caso de admitir que a disputa sobre o significado dessas categorias não pode mais ser tratada como mera questão interna aos movimentos sociais.

5. A direita na economia: “o discurso econômico da austeridade e os interesses velados”

Pedro Rossi e Esther Dweck³⁶

O discurso da austeridade ganhou destaque após a crise internacional de 2008. Na Inglaterra, enquanto o líder conservador David Cameron proclamou que o país entrava na “Era da Austeridade”, o debate econômico dividiu-se entre defensores e críticos da austeridade. Em 2010, o dicionário Merriam-Webster’s, um dos mais importantes da língua inglesa, elegeu a palavra “austeridade” como a palavra do ano com base no número de pesquisas que a palavra gerou na internet. Com o aprofundamento da crise na Europa e a imposição de planos de austeridade aos países da periferia, crescem os movimentos anti-austeridade, assim como o debate acadêmico em torno do tema³⁷.

“Austeridade” não é um termo de origem econômica; a palavra tem origens na filosofia moral e aparece no vocabulário econômico como um neologismo que se apropria da carga moral do termo, especialmente para exaltar o comportamento associado ao rigor, à disciplina, aos sacrifícios, à parcimônia, à prudência, à sobriedade. e reprimir comportamentos dispendiosos, insaciáveis, pródigos, perdulários.

No plano econômico, a austeridade é a política que busca, por meio de um ajuste fiscal, preferencialmente por cortes de gastos, ajustar a economia e promover o crescimento. O sacrifício, supostamente imposto ao conjunto da sociedade é

³⁶ Universidade de Campinas e Universidade Federal de Rio de Janeiro

³⁷ Para uma discussão da literatura e das experiências históricas austeras, ver Blyth (2017). Para um debate sobre os impactos sociais da austeridade no Brasil, ver Rossi et al. (2018).

recompensado com crescimento, assim como o indivíduo austero se beneficia de sua poupança. Há claramente uma transposição, sem as adequadas mediações, das supostas virtudes do indivíduo para o plano público, personificando, atribuindo características humanas ao governo.

No entanto, as experiências históricas mostram que a austeridade é contraproducente e tende a provocar queda no crescimento e aumento da dívida pública, resultado contrário ao que se propõe. Além disso, austeridade é seletiva, pois impõe sacrifícios para a parcela mais vulnerável da população que mais sofre com o desemprego e com os cortes de gastos e transferências sociais.

No Brasil, o discurso da austeridade tem justificado os cortes de gastos sociais e reformas estruturais. Esse discurso, no entanto, apesar de propagar em uma alegada sabedoria convencional, se ampara em mitos fantasiosos e dogmas imunes às evidências.

5.1. Um discurso baseado em mitos

O discurso da austeridade é acompanhado de duas ideias extremamente questionáveis, conhecidas pelos críticos como (1) a metáfora do orçamento doméstico e (2) a fada da confiança.

Na retórica da austeridade é muito comum a comparação do orçamento público com o orçamento doméstico. Assim como uma família, o governo não deve gastar mais do que ganha, diz o argumento. Logo, diante de uma crise e de um aumento das dívidas, deve-se passar por sacrifícios e por um esforço de poupança. No caso brasileiro é comum a análise de que os excessos (de gastos sociais, de aumento de salário mínimo, de intervencionismo estatal, etc.) estão permanentemente cobrando *sacrifícios necessários*³⁸. Como na fábula da cigarra e da formiga, os excessos serão punidos e os sacrifícios, recompensados. Há um argumento moral de que os anos de excessos devem ser remediados com abstinência e sacrifícios e a austeridade é o remédio.

³⁸ Por exemplo, o Presidente do Banco Central, Ilan Goldfajn, afirmou em entrevista que “a atual recessão foi provocada por anos de excessos” <http://www.josenildomelo.com.br/news/desta-vez-e-diferente-cristiano-romero/>.

No entanto, essa comparação entre o orçamento público e o familiar não é apenas parcial e simplificadora, mas essencialmente equivocada. Isso porque desconsidera três fatores essenciais. O primeiro é que o governo, diferentemente das famílias, tem a capacidade de definir seu orçamento. A arrecadação de impostos decorre de uma decisão política e está ao alcance do governo, por exemplo, tributar pessoas ricas ou importações de bens de luxo para não fechar hospitais. Ou seja, enquanto uma família não pode definir o quanto ganha, o orçamento público decorre de uma decisão coletiva sobre quem paga e quem recebe, quanto paga e quanto recebe.

O segundo fator que diferencia o governo das famílias é que, quando o governo gasta, parte dessa renda retorna sob a forma de impostos. Ou seja, ao acelerar o crescimento econômico com políticas de estímulo, o governo está aumentando também a sua receita. E, como visto, o gasto público em momentos de crise econômica, principalmente com alto desemprego e alta capacidade produtiva ociosa, incentiva/promove a ocupação da capacidade, reduz o desemprego e gera crescimento. Por fim, o terceiro fator não é menos importante: as famílias não emitem moeda, não têm capacidade de emitir títulos em sua própria moeda e não definem a taxa de juros das dívidas que pagam. Já o governo faz tudo isso.

Portanto, a metáfora que compara os orçamentos público e familiar é dissimulada e desvirtua as responsabilidades que a política fiscal tem na economia, em suas tarefas de induzir o crescimento e amortecer os impactos dos ciclos econômicos na vida das pessoas. A administração do orçamento do governo não somente não deve seguir a lógica do orçamento doméstico, mas deve seguir a lógica oposta. Quando as famílias e empresas contraem o gasto, o governo deve ampliar o gasto de forma a contrapor o efeito contracionista do setor privado.

O pressuposto teórico para o sucesso das políticas de austeridade é o aumento da confiança dos agentes privados. A austeridade seria o instrumento e a solução para restaurar a confiança do mercado que, por sua vez, seria causadora de crescimento econômico. Na retórica austera, a busca pela confiança do mercado é muito presente tanto no exterior como no Brasil; são inúmeros os exemplos em que a equipe econômica evoca esse tema como justificativa para cortes de gastos como em 2016, quando

Henrique Meirelles estabelece que o “desafio número 1” é a retomada da confiança³⁹ ou, em 2015, quando Joaquim Levy declara que “alcançar essa meta será fundamental para o aumento da confiança na economia brasileira”⁴⁰ ou, ainda, em 2018, quando Michel Temer cita “confiança” como palavra-chave que permite a retomada do crescimento econômico no país⁴¹.

Para Paul Krugman⁴², a crença de que a austeridade gera confiança é baseada em uma fantasia segundo a qual por um lado os governos seriam reféns de “vigilantes invisíveis da dívida” que punem pelo mau comportamento e, por outro, existiria uma “fada da confiança” que recompensaria o bom comportamento. O autor ainda mostra evidências de que os países europeus que mais aplicaram a austeridade foram os que menos cresceram⁴³. Na mesma linha, Skidelsky e Fraccaroli⁴⁴ mostram que a confiança não é causa, mas acompanha o desempenho econômico e que austeridade não aumenta, mas diminui a confiança ao gerar recessão.

No mesmo sentido, é intuitivo pensar que um ajuste fiscal não necessariamente melhora a confiança; um empresário não investe porque o governo faz ajuste fiscal e sim quando há demanda por seus produtos e perspectivas de lucro. Nesse ponto, a contração do gasto público em momentos de crise não aumenta a demanda; ao contrário, essa contração reduz a demanda no sistema. Em uma grave crise econômica, quando todos os elementos da demanda privada (o consumo das famílias, o investimento e a demanda externa) estão desacelerando, se o governo contrair a demanda pública a crise se agrava.

5.2. Interesses velados

Segundo Krugman⁴⁵, quase ninguém acredita no discurso que dominou o debate econômico europeu por volta de 2010. A austeridade é um culto em decadência e a pesquisa que lhe dava suporte foi desacreditada. Mesmo instituições conservadoras

³⁹ <https://veja.abril.com.br/economia/meirelles-desafio-numero-um-e-recuperar-a-confianca/>

⁴⁰ <http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/11/novo-ministro-da-fazenda-fixa-meta-fiscal-de-12-do-pib-para-2015.html>

⁴¹ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-04/temer-diz-que-confianca-permite-retomada-do-crescimento-da-economia>

⁴² Paul Krugman, “The Austerity Delusion”, *The Guardian*, Londres, 29 abril 2015.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ Robert Skidelsky e Nicolò Fraccaroli (orgs), *Austerity vs Stimulus - The Political Future of Economic* (Londres, Palgrave Macmillan, 2017).

⁴⁵ Paul Krugman, *idem*.

como o FMI reconhecem o estrago que os cortes de gasto podem fazer em uma economia frágil. A austeridade é, portanto, uma ideia equivocada do ponto de vista social e contraproducente do ponto de vista do crescimento econômico e do equilíbrio fiscal.

No entanto, como defende Milios, a austeridade não é irracional, tampouco estritamente errada; ela nada mais é que a imposição dos interesses de classe dos capitalistas. Trata-se de uma política de classe ou de uma resposta dos governos às demandas do mercado e das elites econômicas à custa de direitos sociais da população e dos acordos democráticos. Os capitalistas, por sua vez, se beneficiam das políticas de austeridade em três frentes:

- (i) ao gerar recessão e desemprego, reduzem-se pressões salariais e aumenta-se lucratividade. Como mostram Bova e outros⁴⁶, a austeridade tende a aumentar a desigualdade de renda; em média, um ajuste de 1% do PIB está associado a um aumento no coeficiente de Gini do rendimento disponível de cerca de 0,4% a 0,7% nos dois anos seguintes⁴⁷.
- (ii) o corte de gastos e a redução das obrigações sociais abre espaço para futuros corte de impostos das empresas e das elites econômicas, e
- (iii) a redução da quantidade e da qualidade dos serviços públicos aumenta a demanda de parte da população por serviços privados em setores como educação e saúde, o que aumenta os espaços de acumulação de lucro privado.

A austeridade é também um dos três pilares centrais do neoliberalismo, juntamente com a liberalização dos mercados e as privatizações⁴⁸. A racionalidade dessa política é, portanto, a defesa de interesses específicos e é ainda um veículo para corroer a democracia e fortalecer o poder corporativo no sistema político⁴⁹.

⁴⁶ Elva Bova et. al, *Austerity and inequality: The size and composition of fiscal adjustment matter* (Vox - CEPR Policy Portal, 2018).

⁴⁷ Além disso, os autores constataram que os ajustes baseados em corte de gastos tendem a piorar ainda mais significativamente a desigualdade, em relação aos ajustes baseados em impostos.

⁴⁸ Nick Anstead, *The idea of austerity in British politics, 2003-13* (Political Studies, 2017).

⁴⁹ Mendoza (2015) afirma que a austeridade é um veículo para demolir o Estado de Bem Estar Social e construir as fundações de um novo fascismo, um fascismo corporativo.

Essa perspectiva traz luz para a realidade brasileira, na qual as políticas de austeridade acontecem em um período de extrema instabilidade política e de aumento das tensões de classes. Nesse contexto, a austeridade justapõe as vítimas dos cortes – principalmente a parcela mais pobre da população - com os perpetradores dessas políticas – as elites econômicas e um governo subserviente. No Brasil, a austeridade entrega a ambição de décadas da direita e dos segmentos políticos mais conservadores: revogar o contrato social da Constituição Federal de 1988 e aprofundar as reformas neoliberais.

6. A direita na justiça: “precisamos falar da “direita jurídica”

Rubens Casara⁵⁰

O direito, entendido tanto como um sistema normativo quanto como um conjunto de teorias e práticas, costuma ser apresentado como um obstáculo à transformação social⁵¹. Isso porque as formas jurídicas (e o Estado é a principal “forma jurídica”⁵²) servem à manutenção das estruturas de poder.

Ao produzir a norma a ser aplicada a um determinado caso concreto, os atores jurídicos partem (ou deveriam partir) dos textos legais, que são produtos culturais condicionados pelos valores dominantes no contexto em que foram produzidos. Há, portanto, um evento comprometido com o passado que não pode ser ignorado. E isso, por si só, permite afirmar a tendência conservadora do sistema de justiça.

Mas, não é só. Há outro óbice hermenêutico para uma atuação transformadora no âmbito do sistema de justiça: a aplicação (função que é sempre criativa) do direito está condicionada pela tradição em que os intérpretes estão inseridos. Há uma diferença ontológica entre o texto e a norma jurídica produzida pelo intérprete. A norma é sempre o produto da ação do intérprete condicionada por uma determinada tradição. A compreensão e o modo de atuar no mundo dos atores jurídicos ficam comprometidos em razão da tradição em que estão lançados. Existem Intérpretes que carregam uma pré-compreensão inadequada à democracia (em especial, a crença no uso da força e o medo

⁵⁰ Juiz criminal do Estado de Rio de Janeiro

⁵¹ Eduardo Novoa Monreal, *O direito como obstáculo à transformação social* (Porto Alegre, Safe, 1988).

⁵² Alysson Leandro Mascaro, *Estado e forma política* (São Paulo, Boitempo, 2013).



da liberdade) e, com base nos valores em que acreditam, produzem normas autoritárias, mesmo diante de textos tendencialmente democráticos.

No Brasil, os atores jurídicos estão lançados em uma tradição autoritária que não sofreu solução de continuidade após a redemocratização formal do país com a Constituição da República de 1988. A naturalização da desigualdade e da hierarquização entre as pessoas, um dos legados da escravidão, por exemplo, continuam a ser percebidos na sociedade brasileira e, em consequência, também influenciam a produção das normas. Mas, não é só. No Brasil, os atores jurídicos que serviam aos governos autoritários continuaram, após a redemocratização formal do país, a atuar no sistema de justiça com os mesmos valores, a mesma crença no uso abusivo da força que condicionavam a aplicação do direito no período de exceção.

Nas estruturas hierarquizadas das agências que atuam no sistema de justiça, os concursos de seleção e as promoções nas carreiras ficam a cargo dos próprios membros dessas instituições, o que também contribui à reprodução de valores e práticas comprometidos com o passado. O conservadorismo, porém, acabava disfarçado através do discurso da neutralidade das agências do sistema de justiça. Interpretações carregadas de valores conservadores eram apresentadas como resultado da aplicação neutra do direito.

Após a Segunda Guerra Mundial aumentou substancialmente a importância das agências estatais que compõem o sistema de justiça. O Poder Judiciário, em particular, passou a ser apresentado como o órgão estatal encarregado de garantir o Estado Democrático de Direito, modelo de Estado que se caracterizava pela existência de limites rígidos ao exercício do poder, e de evitar a barbárie. Não funcionou. A tendência democratizante das Constituições foi ignorada. E, em pouco tempo, os limites que caracterizavam o Estado Democrático foram relativizados. Instaurou-se a pós-democracia.

Não se pode, pois, pensar a atuação dos juízes e demais atores jurídicos desassociada da tradição em que estão inseridos. Há uma relação histórica e ideológica entre o processo de formação da sociedade brasileira e as práticas observadas. Pode-se apontar que em razão de uma tradição marcada pelo colonialismo e a escravidão, na qual o saber jurídico e os cargos no Poder Judiciário eram utilizados para que os

rebentos da classe dominante pudessem se impor perante a sociedade, sem que existisse qualquer forma de controle democrático dessa casta, gerou-se um sistema de justiça marcado por uma ideologia patriarcal e patrimonialista, constituída por valores que se caracterizam por definir lugares sociais e de poder, nos quais à exclusão do outro e a confusão entre o público e o privado somam-se o gosto pela ordem.

A esperança depositada no sistema de justiça, que deveria ser um espaço de garantia da democracia, cedeu rapidamente diante do indisfarçável fracasso em satisfazer os interesses daqueles que recorrem a ele. Torna-se gritante a separação entre as expectativas geradas e os efeitos da atuação dos atores jurídicos no ambiente democrático. Não raro, para dar respostas às crescentes demandas, as agências do sistema de justiça recorrem a uma concepção política pragmática que faz com que ora se utilizem de expedientes técnicos para descontextualizar conflitos e sonegar direitos, ora recorram a instrumentos típicos do autoritarismo para manter a ordem.

Na medida em que cresce a atuação do Poder Judiciário, diminui a ação política, naquilo que se convencionou chamar de ativismo judicial. Isso revela um aumento da influência dos juízes e tribunais nos rumos da vida brasileira, fenômeno correlato à crise de legitimidade de todas as agências estatais. Percebe-se, pois, claramente que o sistema de justiça tornou-se um *locus* privilegiado da luta política.

O distanciamento da população faz com que o Judiciário e o Ministério Público sejam vistos como agências seletivas a serviço daqueles capazes de deter poder e riqueza. Se, por um lado, pessoas dotadas de sensibilidade democrática são incapazes de identificar nessas agências um instrumento de construção da democracia, por outro, pessoas que acreditam em posturas fascistas aplaudem juízes e outros agentes políticos que atuam a partir de uma epistemologia autoritária. Não causa surpresa que parcela dos meios de comunicação de massa procure construir a representação do “bom juiz” a partir dos seus preconceitos e de sua visão descomprometida com a democracia. Não se pode esquecer que a mídia tem a capacidade de fixar sentidos e reforçar ideologias, o que interfere na formação da opinião pública e na construção do imaginário social. Assim, o “bom juiz”, construído por essas empresas como herói, passa a ser aquele que considera os direitos fundamentais como óbices à eficiência do Estado ou do mercado.

O distanciamento em relação à população gerou em setores do Poder Judiciário uma reação que se caracteriza pela tentativa de produzir decisões judiciais que atendam à opinião pública (ou, ao menos, aos anseios externados na opinião publicada pela mídia). Tem-se o chamado “populismo judicial”, isto é, o desejo de agradar ao maior número de pessoas possível através de decisões judiciais (ou às corporações que constroem a opinião pública), como forma de popularizar a Justiça, mesmo que para tanto seja necessário violar direitos e garantias fundamentais. Assim, juízes passaram a priorizar a hipótese à qual a mídia aderiu em detrimento dos fatos. A verdade tornou-se dispensável e, por vezes, inconveniente.

Mas, a transformação da tendência conservadora dos atores do sistema de justiça em práticas explicitamente ligadas ao espectro da chamada “nova direita” se dá a partir da adesão do mundo jurídico à racionalidade neoliberal⁵³. Essa racionalidade está na base do Estado Pós-Democrático, em que desaparecem limites ao exercício do poder econômico. Com o empobrecimento subjetivo e a mutação do simbólico produzidos pela razão neoliberal, que leva tudo e todos a serem tratados como objetos negociáveis, os valores da jurisdição penal democrática (“liberdade” e “verdade”) sofreram profunda alteração para muitos atores jurídicos. Basta pensar no alto número de prisões contrárias à legislação (como as prisões decretadas para forçar “delações premiadas”), nas negociações com acusados em que “informações” (por evidente, apenas aquelas “eficazes” por confirmar a hipótese acusatória) são trocadas pela liberdade dos imputados, dentre outras distorções.

O neoliberalismo é, na verdade, um modo de ver e atuar no mundo que se mostra adequado a qualquer ideologia conservadora e tradicional. O projeto neoliberal é apresentado e vendido como uma política de inovação, de modernização, quando não de ruptura com práticas antigas. A propaganda neoliberal, de fórmulas mágicas e revolucionárias, torna-se no imaginário da população a nova referência de transformação e progresso. O neoliberalismo, porém, propõe mudanças e transformação com a finalidade de restaurar uma “situação original” e mais “pura”, onde o capital possa circular e ser acumulado sem limites⁵⁴. Os movimentos neoconservadores

⁵³ Nesse sentido: Pierre Dardot e Christian Laval, *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (São Paulo, Boitempo, 2016).

⁵⁴ Nesse sentido: Christian Laval, *Foucault, Bordieu et la question néolibérale* (Paris, La Découverte, 2018), p. 226.



aparecem, então, como fundamentais ao projeto neoliberal porque se torna necessário “compensar” os efeitos perversos (e desestruturantes) do neoliberalismo através de uma retórica excludente e aporofóbica, bem como de práticas autoritárias de controle da população indesejada.

A racionalidade neoliberal altera também as expectativas acerca do próprio Poder Judiciário. Desaparece a crença em um poder comprometido com a realização dos direitos e garantias fundamentais. O Poder Judiciário, à luz da razão neoliberal, passa a ser procurado como um mero homologador das expectativas do mercado ou como um instrumento de controle tanto dos pobres, que não dispõem de poder de consumo, quanto das pessoas identificadas como inimigos políticos do projeto neoliberal.

6.1. Dos sintomas autoritários na Magistratura

Pode-se, a partir das características da personalidade autoritária identificadas por Adorno⁵⁵ em 1950, apontar indícios de que também a potencialidade fascista de juízes brasileiros é um risco à democracia, em especial porque caberia ao Poder Judiciário impor limites ao arbítrio e não agir como fator antidemocrático.

Adorno identificou uma série de características que revelam uma disposição ao uso da força em detrimento do conhecimento e à violação dos valores democráticos. Basta prestar atenção em decisões e declarações produzidas por magistrados brasileiros para perceber que essas características se encontram presentes em significativa parcela dos juízes. Na magistratura brasileira podem ser encontrados, dentre outros sintomas:

o **convencionalismo**: aderência rígida aos valores da classe média, mesmo que em desconformidade com os direitos e garantias fundamentais inscritos na Constituição da República. Assim, se é possível encontrar na sociedade brasileira, notadamente na classe média, apoio ao linchamento de supostos infratores ou à violência policial, o juiz autoritário tende a julgar de acordo com opinião média e naturalizar esses fenômenos;

a **agressão autoritária**: tendência a ser intolerante, estar alerta, condenar, repudiar e castigar as pessoas que violam os valores “convencionais”. O juiz antidemocrático, da mesma forma que seria submisso com as pessoas a que considera

⁵⁵ Theodor W. Adorno, *Estudios sobre la personalidad autoritaria*. In: Escritos sociológicos II, primeira parte, Obra Completa, 9/1 (Madrid, Ediciones Akal, 2009).

“superiores” (componente masoquista da personalidade autoritária), seria agressivo com aquelas que etiqueta de inferiores ou diferentes (componente sádico). Como esse tipo de juiz se mostra incapaz de fazer qualquer crítica consistente aos valores convencionais, tende a castigar severamente quem os viola;

a **anti-intracção:** oposição à mentalidade subjetiva, imaginativa e sensível. O juiz autoritário tende a ser impaciente e ter uma atitude em oposição ao subjetivo e ao sensível, insistindo com metáforas e preocupações bélicas e desprezando análises que busquem a compreensão das motivações e demais dados subjetivos do caso. Por vezes, a anti-intracção manifesta-se pela explicitação da recusa a qualquer compaixão ou empatia;

o **pensamento estereotipado:** tendência a recorrer a explicações *hipersimplistas* de eventos humanos, o que faz com que sejam interdidas as pesquisas e ideias necessárias para uma compreensão adequada dos fenômenos. Correlata a essa “simplificação” da realidade, há a disposição para pensar mediante categorias rígidas. O juiz autoritário recorre ao pensamento estereotipado, fundado com frequência em preconceitos aceitos como premissas;

a **dureza:** preocupação em reforçar a dimensão domínio-submissão somada à identificação com figuras de poder (“o poder sou Eu”). A personalidade autoritária afirma desproporcionalmente os valores “força” e “dureza”, razão pela qual opta sempre por respostas de força em detrimento de respostas baseadas na compreensão dos fenômenos e no conhecimento. Essa ênfase na força e na dureza leva ao anti-intelectualismo e à desconsideração dos valores atrelados à ideia de dignidade humana;

a **confusão entre acusador e juiz:** é uma característica historicamente ligada ao fenômeno da inquisição e à epistemologia autoritária. No momento em que o juiz profascista se confunde com a figura do acusador, e passa a exercer funções como a de buscar confirmar a hipótese acusatória, surge um julgamento preconceituoso, com o comprometimento da imparcialidade. Tem-se, então, o primado da hipótese sobre o fato. A verdade perde importância diante da “missão” do juiz, que aderiu psicologicamente à versão acusatória.

A tradição em que os atores jurídicos estão inseridos, as práticas autoritárias e a adesão à racionalidade neoliberal são fatores que permitem identificar uma “direita jurídica”, para além dos casos caricatos de atores jurídicos repetindo mantras neoconservadores nas redes sociais. Diante desse quadro, é importante reconhecer, também nesse campo, a importância da luta política.

Referencias bibliográficas

- ANSTEAD, Nick. *The idea of austerity in British politics, 2003-13*. Political Studies, 2017.
- BLYTH, Mark. *Austeridade: a história de uma ideia perigosa*. São Paulo, Autonomia Literária, 2017.
- BOVA Elva et. al. *Austerity and inequality: The size and composition of fiscal adjustment matter*, Vox - CEPR Policy Portal, 2018.
- CÂMARA, Cristina. *Cidadania e Orientação Sexual: a trajetória do grupo Triângulo Rosa*. Rio de Janeiro, Academia Avançada, 2002.
- CARRARA, Sergio; FRANÇA, Isadora. Lins; SIMÕES, Julio. Conhecimento e práticas científicas na esfera pública: antropologia, gênero e sexualidade. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, Online, v. 61 n. 1: 71-82. USP, 2018.
- FACCHINI, Regina.; RODRIGUES, Julian. "Que onda é essa?": "guerras culturais" e movimento LGBT no cenário brasileiro contemporâneo In: *A diversidade e a livre expressão sexual entre as ruas, as redes e as políticas públicas*. 1 ed. Porto Alegre, Rede Unida/Nuances, 2017, p. 35-60.
- FACCHINI, Regina e SÍVORI, Horacio. Conservadorismo, direitos, moralidades e violência: situando um conjunto de reflexões a partir da Antropologia. In: *Cadernos Pagu*, no. 50, Campinas: 2017.
- KRUGMAN, Paul. The Austerity Delusion, The Guardian, 29 de Abril de 2015.
- DE JESUS, Jaqueline Gomes. Feminismos Contemporâneos e Interseccionalidade 2.0. *Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, [S.l.], v. 1, n. 01. 2018.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina; Magalhães, Joanalira Corpes. (org). *Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade*. Porto Alegre, Ed. Da FURG, 2017.

- MENDOZA, Kerry-Anne. *Austerity: The Demolition of the Welfare State and the Rise of the Zombie Economy*, Oxford: New Internationalist Publication, 2015.
- ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther; MORETTO, Mario. *2016: o Ano da Polarização*. São Paulo, Friedrich Ebert Stiftung, 2017.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. A nova direita conservadora não despreza o conhecimento. *Carta Capital*. 10 out. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-nova-direita-conservadora-nao-despreza-o-conhecimento>. Acessado em: 30 jul 2018.
- ROSSI, Pedro; DWECK, Esther; OLIVEIRA, Ana Luiza Matos de (orgs). *A Economia para poucos: impactos sociais da austeridade e alternativas para o Brasil*, São Paulo, Autonomia Literária, 2018.
- SKIDELSKY, Robert; FRACCAROLI, Nicolò. (orgs). *Austerity vs Stimulus - The Political Future of Economic*, Londres, Palgrave Macmillan, 2017.
- SORJ, Bila. *O “reencantamento” da política institucional: o feminismo na conjuntura conservadora do Brasil*. Comunicação apresentada no congresso da LASA, Lima. 2017

Gestión y política editorial de *Documentos de Trabajo DT* del IELAT

Declaración de objetivos, público y cobertura temática

Documentos de Trabajo DT del IELAT es una publicación con periodicidad mensual y proyección internacional que edita el Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos (IELAT). Su propósito principal es fomentar el conocimiento y el intercambio de ideas a través de la divulgación de la investigación académica y científica de calidad.

La publicación se dirige fundamentalmente a investigadores e instituciones académicas interesados en el debate académico, y comprometidos con los problemas reales de las sociedades contemporáneas. Igualmente, se dirige a un amplio espectro de lectores potenciales interesados en las Humanidades y las Ciencias Sociales.

Su cobertura temática abarca esencialmente temas enmarcados de una manera general en seis líneas principales de investigación: Ciencia Política y Pensamiento Político; Derecho; Economía; Historia; Relaciones Internacionales, Integración Regional y Derechos Humanos, y Relaciones Laborales y Protección Social. No obstante, cualquier tema objeto de especial interés y atención en el mundo académico puede ser publicado en la Serie. *DT* del IELAT es especialmente sensible a los trabajos con planteamientos comparativos y la inclusión de América Latina en sus contenidos.

Todos los trabajos publicados en la Serie de los DT son de acceso abierto y gratuito a texto completo, estando disponibles en la web del IELAT <https://ielat.com/>, de acuerdo con la Iniciativa de Acceso Abierto de Budapest (*Budapest Open Access Initiative BOAI*). Se autoriza, por tanto, su reproducción y difusión, siempre que se cite la fuente y al autor/a, y se realice sin ánimo de lucro. La publicación cuenta una edición impresa idéntica a la digital.

La política editorial de los DT se basa en aspectos que se consideran cruciales como son los relativos a la ética de la investigación y publicación, al proceso de evaluación y a una buena gestión editorial.

Gestión editorial

La gestión de la Serie *Documentos de Trabajo DT* del IELAT es uno de los elementos esenciales de la política editorial. Descansa en la Dirección y la Secretaría Técnica así como en dos órganos: el Consejo Editorial y el Comité de Redacción/Evaluación.

La Dirección, apoyada en la Secretaría Técnica, se encarga de la relación con los autores y todos los demás órganos de gestión editorial y es responsable del buen funcionamiento de los procesos de selección de los textos a publicar, de su evaluación, así como de la publicación final de los trabajos, tanto en la edición digital como en la versión impresa. Los miembros del Consejo Editorial se han seleccionado de acuerdo con principios de excelencia académica y capacidad investigadora. Finalmente, el Comité de Redacción/Evaluación tiene la función fundamental de llevar a cabo la tarea de evaluación de las propuestas de textos para su posible publicación como DT.

La elección de los textos se guía por el criterio de relevancia en su doble acepción de importancia y pertinencia. La originalidad, claridad y calidad del trabajo constituyen las bases para la selección de los textos a publicar. Igualmente, serán factores sobre los que se fundamentará la decisión de aceptación o rechazo de los trabajos la actualidad y novedad académica de los trabajos, su fiabilidad y la calidad de la metodología aplicada. Finalmente, la redacción excelente, la estructura y coherencia lógica y buena presentación formal también se tendrán en cuenta.

Declaración ética sobre publicación y buenas prácticas

La publicación *Documentos de Trabajo DT* del IELAT está comprometida con la comunidad académica y científica para garantizar la ética y calidad de los trabajos publicados. Tiene como referencia los estándares del Código de conducta y buenas prácticas definido por el Comité de Ética en Publicaciones (*Committee On Publications Ethics-COPE*) para editores de revistas científicas: http://publicationethics.org/files/Code_of_conduct_for_journal_editors.pdf. A su vez, se garantiza la calidad de lo publicado, protegiendo y respetando el contenido de los textos así como la integridad de los mismos, y comprometiéndose a publicar las correcciones, aclaraciones, retracciones y disculpas si fuera necesario.

Para el cumplimiento de estas buenas prácticas, la publicación garantiza en todo momento la confidencialidad del proceso de evaluación, el anonimato de los evaluadores y el informe fundamentado



emitido por los evaluadores. De la misma manera, *Documentos de Trabajo DT* declara su compromiso por el respeto e integridad de los trabajos ya publicados.

Por esta razón, el plagio está estrictamente prohibido y los textos que se identifiquen como plagio o su contenido sea fraudulento no se publicarán o serán eliminados de la publicación con la mayor celeridad posible.

Proceso de evaluación preceptiva

La Serie *Documentos de Trabajo DT* del IELAT tiene establecido un procedimiento de evaluación que consta de las siguientes fases: 1) Tras la recepción del trabajo, se remite acuse de recibo a la dirección de correo electrónico indicada por el/la autor/a; 2) La Dirección decide rechazar o iniciar el proceso de evaluación, con base en los criterios de relevancia y pertinencia del texto, comunicando a la Secretaría Técnica el comienzo del proceso de evaluación en su caso; 3) revisión por pares por el procedimiento de par simple-ciego (*Single-Blind Peer Review-SBPR*), supervisado el proceso por la Secretaría Técnica, que informa al Director. Este sistema supone que el revisor conoce la identidad de autor, pero el autor no conoce la del revisor, práctica actualmente aceptada. Además, es un procedimiento *abierto*, de tal modo que el autor conoce los comentarios de los revisores, haciéndole llegar a los autores los informes de evaluación, aunque sin identificar a los evaluadores; 4) dictamen final del informe de evaluación de aceptación, aceptación con sugerencias, revisión o rechazo del texto; 5) notificación al autor/a del resultado del proceso de evaluación.

Todos los pasos del proceso de evaluación se intentan realizar lo más ágilmente posible. No obstante, el proceso puede prolongarse durante un período de más de dos meses. En todo caso, este proceso tiene una duración máxima de tres meses a partir de la recepción del texto.

La publicación cuenta con un grupo de evaluadores acreditados, que participan en evaluaciones de otras publicaciones, y de diversas especialidades. Asimismo, para facilitar la evaluación, se dispone de un modelo de *Informe de evaluación* propio, que está disponible para los autores mediante solicitud al correo electrónico del IELAT (ielat@uah.es).

A lo largo del proceso de evaluación, la Dirección y la Secretaría Técnica supervisan las sucesivas versiones del texto e informan al autor de la situación de su trabajo. Para cualquier información sobre el proceso editorial, los autores pueden contactar con la Secretaría Técnica de la publicación en el correo: ivan.gonzalezs@edu.uah.es

En caso de que el original sea aceptado para su publicación, el/la autor/a se compromete a atender las sugerencias, recomendaciones o prescripciones de los informes de evaluación y presentar una versión mejorada.

Instrucciones para los autores

Todos los autores que deseen colaborar con los *Documentos de Trabajo DT* del IELAT deberán enviar sus trabajos al Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos (IELAT) por correo electrónico a: ielat@uah.es

Los trabajos deberán ser originales, no pudiendo haber sido publicados ni en proceso de publicación en cualquiera otra publicación, ni nacional ni extranjera (en una versión similar traducida) y ya sea de edición impresa o electrónica. El duplicado exacto de un artículo así como la publicación de, esencialmente, la misma información y análisis, así como formar parte de un libro del autor/a o colectivo se entienden como prácticas de publicación repetitiva, que nunca se publicarán como DT.

El/la autor/a deberá acompañar junto con el original del trabajo una carta-declaración de que el texto se ha enviado solamente a *Documentos de Trabajo DT* del IELAT y no se ha enviado simultáneamente a ninguna otra publicación.

En los trabajos colectivos, se entenderá que todos los/las autores/as han participado en los textos indistintamente, salvo una declaración expresa sobre la contribución específica de cada uno de ellos.

Los/las autores/as deberán cuidar el estilo y la claridad de la escritura. Respetarán escrupulosamente las normas gramaticales y evitarán expresiones redundantes e innecesarias, así como un uso sexista del lenguaje. A fin de asegurar la corrección gramatical y la adecuación al estilo académico, se podrán hacer modificaciones menores de redacción en los textos, como la eliminación de errores gramaticales y



tipográficos, expresiones poco afortunadas, giros vulgares o enrevesados, frases ambiguas o afirmaciones dudosas, entre otras. Obviamente, nunca se introducirán cambios en el contenido sustancial del texto.

Los trabajos son responsabilidad de los autores y su contenido no tiene por qué reflejar necesariamente la opinión del IELAT.

Normas de presentación formal de los textos originales

1. Los textos originales podrán estar escritos en español, inglés, portugués o francés y deberán ser enviados en formato Word® o compatible.
2. La Secretaría Técnica de la publicación acusará recibo de los originales y notificará al autor la situación en todo momento de la fase de evaluación así como el dictamen final. Para cualquier información sobre el proceso editorial, los autores pueden contactar con la Secretaría Técnica en el correo: ivan.gonzalezs@edu.uah.es
3. En la primera página del texto se incluirá el título del trabajo, en español e inglés. Igualmente, se deberá constar el nombre del autor o autores junto con la institución a la que pertenezcan. En el pie de página se incluirá un breve resumen del CV del autor/a (entre 30-50 palabras como máximo) así como la dirección de correo electrónico.

Los agradecimientos y cualquier otra información que pudiera incorporarse figurarán referenciados mediante un asterismo asociado al título del artículo o al nombre del autor o autores, según corresponda.

4. Cada texto original incluirá un resumen / abstract del trabajo de no más de 200 palabras en español y en inglés y una lista de palabras clave / keywords también en español e inglés (al menos dos y no más de cinco).
5. El texto correspondiente al contenido del trabajo deberá comenzar en una nueva página. Los distintos apartados o secciones en que se estructure el trabajo han de numerarse de forma correlativa siguiendo la numeración arábiga (incluyendo como 1 el apartado de “Introducción”). Consecutivamente, los apartados de cada sección se numerarán con dos dígitos (por ejemplo: 2.1, 2.2, 2.3, etc.).
6. Tipo y tamaños de letra: En el cuerpo del texto, Arial, paso 11, o Times New Roman, paso 12. En las notas a pie de página y los encabezados, en caso de que los haya, Arial 9 o Times New Roman 10. Los títulos de la “Introducción”, capítulos y “Conclusiones” irán en Arial 13 o Times New Roman 14, mientras que los títulos del resto de epígrafes irán en Arial 11 o Times New Roman 12. Todos los títulos y epígrafes irán en negrita, pero no se utilizarán ni negritas ni cursivas para subrayar palabras en el texto, sino comillas. En ningún caso se utilizarán subrayados. Irán en cursiva todas las palabras en otros idiomas. Las palabras que sean cita textual de otros autores irán en cursiva o entrecomilladas.
7. Párrafos: dos opciones: 1) a espacio de uno y medio, con separación entre párrafos de 12 puntos; 2) a espacio doble, sin espacio entre párrafos y con sangría izquierda en la primera línea de cada párrafo.

El texto irá justificado a izquierda y derecha. Los subtítulos deberán ubicarse sobre la izquierda sin numeración, letras ni símbolos, con la misma letra del cuerpo central y separado con doble espacio del párrafo anterior.

8. Notas a pie de página: deberán numerarse consecutivamente a lo largo de todo el documento, con numeración arábiga y en letra. Irán en Arial, tamaño 9 o Times New Roman, tamaño 10. Deberán justificarse a izquierda y derecha, con interlineado sencillo y sin espacio entre párrafos ni entre notas. Las llamadas a pie de página se colocarán antes de los signos de puntuación.
9. Los cuadros, tablas, gráficos y el material gráfico en general se numerarán de forma consecutiva en cada categoría y siempre con números arábigos. Su utilización deberá ser siempre mesurada, no debiéndose incluir información innecesaria o irrelevante. Siempre se deberá adjuntar los datos numéricos que sirven de base para la elaboración de las representaciones gráficas. Las expresiones matemáticas deberán aparecer numeradas de forma correlativa a lo largo del texto y con alineamiento al margen derecho. Se especificará siempre la fuente de la que procedan.



10. Las referencias a la literatura académica-científica invocadas en el trabajo figurarán tras el último apartado del trabajo y bajo la rúbrica Referencias bibliográficas. Se detallarán por orden alfabético de autores (no numerada). Su correcta verificación es responsabilidad del autor. Las citas aparecerán en el texto según el formato "autor-fecha", distinguiendo mediante letras minúsculas consecutivas si existen coincidencias de autor y año. Las referencias en el texto que incluyan hasta dos autores deben ser completas, usándose la fórmula et al., en caso de un mayor número de autores.
11. Referencias bibliográficas: se seguirá el estilo de citación de Chicago.

En el texto. En notas a pie de página. Se pondrá la llamada al pie tras la cita textual o intertextual, antes del signo de puntuación en caso de que lo haya. Al pie, se pondrá el apellido o apellidos del autor y el título completo de la obra citada. A continuación, es obligatorio poner el/los número/s de página/s de la referencia tomada si es cita textual y si es intertextual es también conveniente ponerlo. Puede utilizarse *Ibid* o *Ibidem* si las citas son consecutivas, pero nunca *Op cit*.

En la bibliografía final.

- Libro:

Apellido(s), Nombre. *Título del libro*, Lugar de edición: Editorial, año de publicación.

Ejemplo:

Laval, Christian y Dardot, Pierre. *La nueva razón del mundo*, 2ª edición, Barcelona: Gedisa, 2015.

- Capítulo de libro:

Apellido(s), Nombre (segundos y terceros autores Nombre Apellidos). «Título de capítulo», en Nombre y Apellidos del editor (ed(s).), *Título del libro*, números de páginas que ocupa el capítulo. Lugar de edición: Editorial, Año de publicación.

Ejemplo:

Castro Orellana, Rodrigo. «Neoliberalismo y gobierno de la vida», en Sonia Arribas *et al.* (Coords.), *Hacer vivir, dejar morir. Biopolítica y capitalismo*, pp. 63-84. Madrid: CSIC, 2010.

- Artículo de revista:

Apellido(s), Nombre (segundos y terceros autores Nombre Apellidos). «Título del artículo», *Nombre de la revista*, volumen, número (año de publicación): páginas.

Ejemplo:

Pérez Herrero, Pedro. «Chile y México en perspectiva comparada (1988-2006)», *Quórum: revista de pensamiento iberoamericano*, número 16 (2006): 169-180.

- Páginas web:

Autor/a (si lo hay) o institución. «Título», año. Disponible en: URL, fecha de última consulta: fecha.

Ejemplo:

Gobierno de Chile. «Informe Rettig». Disponible en, <http://www.gob.cl/informe-rettig/>, fecha de última consulta: 15-02-2016.

- Tesis y tesinas:

Apellido(s), Nombre. «Título». Universidad, Departamento, Año.

Ejemplo:

González Sarro, Iván. «Neoliberalismo y polarización social: México, Estados Unidos, Francia y España (1973-2013), en perspectiva comparada». Universidad de Alcalá, Departamento de Historia y Filosofía, Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos (IELAT), 2018.

- Manuscritos, ponencias o conferencias no publicadas:

Apellido(s), Nombre (segundos y terceros autores Nombre Apellidos). «Título». Título del seminario o de congreso, Lugar, Fecha.

Ejemplo:

Escribano Roca, Rodrigo y Yurena González Ayuso. «Utilización de bases de datos: clave para la iniciación investigadora y la recopilación bibliográfica». Seminario presentado en Seminarios del IELAT, Universidad de Alcalá, 9 de diciembre de 2015.

Colección de Documentos de Trabajo del IELAT

DT 1: Jaime E. Rodríguez O., *México, Estados Unidos y los Países Hispanoamericanos. Una visión comparativa de la independencia*. Mayo 2008.

DT 2: Ramón Casilda Béjar, *Remesas y Bancarización en Iberoamérica*. Octubre 2008.

DT 3: Fernando Groisman, *Segregación residencial socioeconómica en Argentina durante la recuperación económica (2002 – 2007)*. Abril 2009

DT 4: Eli Diniz, *El post-consenso de Washington: globalización, estado y gobernabilidad reexaminados*. Junio 2009.

DT 5: Leopoldo Laborda Catillo, Justo de Jorge Moreno y Elio Rafael De Zuani, *Externalidades dinámicas y crecimiento endógeno. Análisis de la flexibilidad de la empresa industrial español*. Julio 2009

DT 6: Pablo de San Román, *Conflicto político y reforma estructural: la experiencia del desarrollismo en Argentina durante la presidencia de Frondizi (1958 - 1962)*. Septiembre 2009

DT 7: José L. Machinea, *La crisis financiera y su impacto en America Latina*. Octubre 2009.

DT 8: Arnulfo R. Gómez, *Las relaciones económicas México- España (1977-2008)*. Noviembre 2009.

DT 9: José Lázaro, *Las relaciones económicas Cuba- España (1990-2008)*. Diciembre 2009.

DT 10: Pablo Gerchunoff, *Circulando en el laberinto: la economía argentina entre la depresión y la guerra (1929-1939)*. Enero 2010.

DT 11: Jaime Aristy-Escuder, *Impacto de la inmigración haitiana sobre el mercado laboral y las finanzas públicas de la República Dominicana*. Febrero 2010.

DT 12: Eva Sanz Jara, *La crisis del indigenismo mexicano: antropólogos críticos y asociaciones indígenas (1968 - 1994)*. Marzo 2010.

DT 13: Joaquín Varela, *El constitucionalismo español en su contexto comparado*. Abril 2010.

DT 14: Justo de Jorge Moreno, Leopoldo Laborda y Daniel Sotelsek, *Productivity growth and international openness: Evidence from Latin American countries 1980-2006*. Mayo 2010.

DT 15: José Luis Machinea y Guido Zack, *Progresos y falencias de América Latina en los años previos a la crisis*. Junio 2010.

DT 16: Inmaculada Simón Ruiz, *Apuntes sobre historiografía y técnicas de investigación en la historia ambiental mexicana*. Julio 2010.

DT 17: Julián Isaías Rodríguez, Belín Vázquez y Ligia Berbesi de Salazar, *Independencia y formación del Estado en Venezuela*. Agosto 2010.

DT 18: Juan Pablo Arroyo Ortiz, *El presidencialismo autoritario y el partido de Estado en la transición a la economía de libre mercado*. Septiembre 2010.

DT 19: Lorena Vásquez González, *Asociacionismo en América Latina. Una Aproximación*. Octubre 2010.

DT 20: Magdalena Díaz Hernández, *Anversos y reversos: Estados Unidos y México, fronteras socio-culturales en La Democracia en América de Alexis de Tocqueville*. Noviembre 2010.

DT 21: Antonio Ruiz Caballero, *¡Abre los ojos, pueblo americano! La música hacia el fin del orden colonial en Nueva España*. Diciembre 2010.

DT 22: Klaus Schmidt- Hebbel, *Macroeconomic Regimes, Policies, and Outcomes in the World*. Enero 2011

DT 23: Susanne Gratius, Günther Maihold y Álvaro Aguillo Fidalgo. *Alcances, límites y retos de la diplomacia de Cumbres europeo-latinoamericanas*. Febrero 2011.

DT 24: Daniel Díaz- Fuentes y Julio Revuelta, *Crecimiento, gasto público y Estado de Bienestar en América Latina durante el último medio siglo*. Marzo 2011.

DT 25: Vanesa Ubeira Salim, *El potencial argentino para la producción de biodiésel a partir de soja y su impacto en el bienestar social*. Abril 2011.

DT 26: Hernán Núñez Rocha, *La solución de diferencias en el seno de la OMC en materia de propiedad intelectual*. Mayo 2011.

DT 27: Itxaso Arias Arana, Jhonny Peralta Espinosa y Juan Carlos Lago, *La intrahistoria de las comunidades indígenas de Chiapas a través de los relatos de la experiencia en el marco de los procesos migratorios*. Junio 2011.

DT 28: Angélica Becerra, Mercedes Burguillo, Concepción Carrasco, Alicia Gil, Lorena Vásquez y Guido Zack, *Seminario Migraciones y Fronteras*. Julio 2011.

DT 29: Pablo Rubio Apiolaza, *Régimen autoritario y derecha civil: El caso de Chile, 1973-1983*. Agosto 2011.

DT 30: Diego Azqueta, Carlos A. Melo y Alejandro Yáñez, *Clean Development Mechanism Projects in Latin America: Beyond reducing CO2 (e) emissions. A case study in Chile*. Septiembre 2011.

DT 31: Pablo de San Román, *Los militares y la idea de progreso: la utopía modernizadora de la revolución argentina (1966-1971)*. Octubre 2011.

DT 32: José Manuel Azcona, *Metodología estructural militar de la represión en la Argentina de la dictadura (1973-1983)*. Noviembre 2011.

DT 33: María Dolores Almazán Ramos, *El discurso universitario a ambos lados del Atlántico*. Diciembre 2011.

DT 34: José Manuel Castro Arango, *La cláusula antisubcapitalización española: problemas actuales*. Enero 2012.

DT 35: Edwin Cruz Rodríguez, *La acción colectiva en los movimientos indígenas de Bolivia y Ecuador: una perspectiva comparada*. Febrero 2012.

DT 36: María Isabel Garrido Gómez (coord.), *Contribución de las políticas públicas a la realización efectiva de los derechos de la mujer*. Marzo 2012.

DT 37: Javier Bouzas Herrera, *Una aproximación a la creación de la nación como proyecto político en Argentina y España en los siglos XIX y XX. Un estudio comparativo*. Abril 2012.

DT 38: Walther L. Bernecker, *Entre dominación europea y estadounidense: independencia y comercio exterior de México (siglo XIX)*. Mayo 2012.

DT 39: Edel José Fresneda, *El concepto de Subdesarrollo Humano Socialista: ideas nudo sobre una realidad social*. Junio 2012.

DT 40: Sergio A. Cañedo, Martha Beatriz Guerrero, Elda Moreno Acevedo, José Joaquín Pinto e Iliana Marcela Quintanar, *Fiscalidad en América Latina. Monográfico Historia*. Julio 2012.

DT 41: Nicolás Villanova, *Los recuperadores de desechos en América Latina y su vínculo con las empresas. Un estudio comparado entre diferentes países de la región y avances para la construcción de una hipótesis*. Agosto 2012.

DT 42: Juan Carlos Berganza, María Goenaga Ruiz de Zuazu y Javier Martín Román, *Fiscalidad en América Latina. Monográfico Economía*. Septiembre 2012.

DT 43: Emiliano Abad García, *América Latina y la experiencia postcolonial: identidad subalterna y límites de la subversión epistémica*. Octubre 2012.

DT 44: Sergio Caballero Santos, *Unasur y su aporte a la resolución de conflictos sudamericanos: el caso de Bolivia*. Noviembre 2012.

DT 45: Jacqueline Alejandra Ramos, *La llegada de los juristas del exilio español a México y su incorporación a la Escuela Nacional de Jurisprudencia*. Diciembre 2012.

DT 46: Maíra Machado Bichir, *À guisa de um debate: um estudo sobre a vertente marxista da dependencia*. Enero 2013.

DT 47: Carlos Armando Preciado de Alba. *La apuesta al liberalismo. Visiones y proyectos de políticos guanajuatenses en las primeras décadas del México independiente*. Febrero 2013.

DT 48: Karla Annett Cynthia Sáenz López y Elvin Torres Bulnes, *Evolución de la representación proporcional en México*. Marzo 2013.

DT 49: Antônio Márcio Buainain y Junior Ruiz Garcia, *Roles and Challenges of Brazilian Small Holding Agriculture*. Abril 2013.

DT 50: Angela Maria Hidalgo, *As Influências da Unesco sobre a Educação Rural no Brasil e na Espanha*. Mayo 2013.

DT 51: Ermanno Abbondanza, *"Ciudadanos sobre mesa". Construcción del Sonorense bajo el régimen de Porfirio Díaz (México, 1876-1910)*. Junio 2013.

DT 52: *Seminario Internacional: América Latina-Caribe y la Unión Europea en el nuevo contexto internacional*. Julio 2013.

DT 53: Armando Martínez Garnica, *La ambición desmedida: una nación continental llamada Colombia*. Agosto 2013.

DT 55: Beatriz Urías Horcasitas, *El nacionalismo revolucionario mexicano y sus críticos (1920-1960)*. Octubre 2013.

DT 56: Josep Borrell, *Europa, América Latina y la regionalización del mundo*. Noviembre 2013.

DT 57: Mauren G. Navarro Castillo, *Understanding the voice behind The Latino Gangsters*. Diciembre 2013.

DT 58: Gabriele Tomei, *Corredores de oportunidades. Estructura, dinámicas y perspectivas de las migraciones ecuatorianas a Italia*. Enero 2014.

DT 59: Francisco Lizcano Fernández, *El Caribe a comienzos del siglo XXI: composición étnica y diversidad lingüística*. Febrero 2014.

DT 60: Claire Wright, *Executives and Emergencies: Presidential Decrees of Exception in Bolivia, Ecuador, and Peru*. Marzo 2014.

DT 61: Carlos de Jesús Becerril H., *Un acercamiento a la historiografía sobre las instituciones jurídicas del Porfiriato, 1876-1911*. Abril 2014.

DT 62: Gonzalo Andrés García Fernández, *El pasado como una lección del presente. Una reflexión histórica para el Chile actual*. Mayo 2014.

DT 63: Cecilia A. Fandos, *Tierras comunales indígenas en Argentina. Una relectura de la desarticulación de la propiedad comunal en Jujuy en el siglo XIX*. Junio 2014.

DT 64: Ramón Casilda Béjar, *América Latina y las empresas multilaterales*. Julio 2014.

DT 65: David Corrochano Martínez, *Política y democracia en América Latina y la Unión Europea*. Agosto 2014.

DT 66: Pablo de San Román, *Participación o ruptura: la ilusión del capitalismo sindical en la Argentina post- peronista*. Septiembre 2014.

DT 67: José Joaquín Pinto Bernal, *Los orígenes de la deuda pública en Colombia*. Octubre 2014.

DT 68: Fernando Martín Morra, *Moderando inflaciones moderadas*. Noviembre 2014.

DT 69: Janete Abrão, *¿Como se deve (re)escrever a História nacional?* Diciembre 2014.

DT 70: Estela Cristina Salles y Héctor Omar Noejovich, *La transformación política, jurídica y económica del territorio originario del virreinato del Perú, 1750-1836*. Enero 2015.

DT 71: M^o Isabel Garrido Gómez, J. Alberto del Real Alcalá y Ángeles Solanes Corella, *Modernización y mejora de la Administración de Justicia y de la operatividad de los jueces en España*. Febrero 2015

DT 72: Guido Zack, *El papel de las políticas públicas en los períodos de crecimiento y desaceleración de América Latina*. Marzo 2015.

DT 73: Alicia Gil Lázaro y María José Fernández Vicente, *Los discursos sobre la emigración española en perspectiva comparada, principios del siglo XX- principios del siglo XXI*. Abril 2015.

DT 74: Pablo de San Román, *Desconfianza y participación: la cultura política santafesina (Argentina, 2014)*. Mayo 2015.

DT 75: María Teresa Gallo, Rubén Garrido, Efraín Gonzales de Olarte y Juan Manuel del Pozo, *La cara amarga del crecimiento económico peruano: Persistencia de la desigualdad y divergencia territorial*. Junio 2015.

DT 76: Leopoldo Gamarra Vílchez, *Crisis económica, globalización y Derecho del Trabajo en América Latina*. Julio 2015.

DT 77: Alicia Gil Lázaro, Eva Sanz Jara e Inmaculada Simón, *Universalización e historia. Repensar los pasados para imaginar los futuros*. Agosto 2015.

DT 78: Sonia Oster Mena, *Corporate Diplomacy in the EU. The strategic corporate response to meet global challenges*, Septiembre 2015

DT 79: Edgar Záyago Lau, Guillermo Foladori, Liliana Villa Vázquez, Richard P. Appelbaum y Ramón Arteaga Figueroa, *Análisis económico sectorial de las empresas de nanotecnología en México*, Octubre 2015.

DT 80: Yurena González Ayuso, *Presente y pasado de la transición española. Un estado de la cuestión pertinente*, Noviembre 2015.

DT 81: Janet Abrao, *Construções discursivo-ideológicas e históricas da identidade nacional brasileira*, Diciembre 2015.

DT 82: Guido Zack, *Una aproximación a las elasticidades del comercio exterior de la Argentina*, Enero 2016.

DT 83: Rodrigo Escribano Roca, *“Lamentables noticias” Redes de información e imaginación política en la crisis revolucionaria del mundo atlántico. Un análisis micro-histórico del Colegio de Chillán en Chile (1808-1812)*, Febrero 2016.

DT 84: Iván González Sarro, *La calidad de la democracia en América Latina. Análisis de las causas del «déficit democrático» latinoamericano: una visión a través de los casos de Honduras y Paraguay*, Marzo 2016.

DT 85: Carlos de Jesús Becerril Hernández, *“Una vez triunfantes las armas del ejército francés en Puebla”. De las actas de adhesión de la Ciudad de Puebla y de los pueblos en el Distrito de Cholula, 1863*, Abril 2016.

DT 86: Laura Sánchez Guijarro, *La adhesión de la Unión Europea al Convenio Europeo de Derechos Humanos: Un desafío para Europa todavía pendiente*, Mayo 2016.

DT 87: Pablo Gerchunoff y Osvaldo Kacef, *“¿Y ahora qué hacemos?” La economía política del Kirchnerismo*, Junio 2016.

DT 88: María-Cruz La Chica, *La microhistoria de un desencuentro como soporte de la reflexión antropológica: Trabajo de campo en una comunidad indígena de México*, Julio 2016.

DT 89: Juan Ramón Lecuonaalenzuela y Lilianne Isabel Pavón Cuellar, *Actividad económica e industria automotriz: la experiencia mexicana en el TLCAN*, Agosto 2016.

DT 90: Pablo de San Román, *Continuidades y rupturas en el proceso de cambio social. Comentario a la obra de Pierre Vilar. Iniciación al vocabulario del análisis histórico*, Septiembre 2016.

DT 91: Angelica Dias Roa y Renaldo A. Gonsalvez, *Modelos probabilísticos de severidade para grandes perdas*, Octubre 2016.

DT 92: Gonzalo Andrés García Fernández, *Redes de poder familiares entre el fin del Antiguo Régimen y el nacimiento del Estado-nación. Una visión comparada para Chile y Argentina*, Noviembre 2016.

DT 93: Eduardo Cavieres Figueroa, *Europa-América Latina: política y cultura en pasado-presente*, Diciembre 2016.

DT 94: Mirka V. Torres Acosta, *El mito de Sísifo o el revival de una historia conocida. Chávez, populismo y democracia*, Enero 2017.

DT 95: Aitor Díaz-Maroto Isidro, *Paz sin armas: los procesos de paz vasco y norirlandés con la vista puesta en Colombia*, Febrero 2017.

DT 96: Marvin Vargas Alfaro, *El consensus y el control de convencionalidad de la Corte Internacional de Derechos Humanos. Reflexiones a la luz del caso “Artavia Murillo y otros” contra Costa*, Marzo 2017.

DT 97: Ana Gamarra Rondinel, *Evasion vs. real production responses to taxation among firms: bunching evidence from Argentina*, Abril 2017.

DT 98: J. Eduardo López Ahumada, *Trabajo decente y globalización en Latinoamérica: una alternativa a la desigualdad laboral y social*, Mayo 2017.

DT 99: José Fernando Ayala López, *Historia política de México a través de sus instituciones y reformas electorales, siglo XX. Una propuesta de análisis*, Junio 2017.

DT 100: Juan Pablo Arroyo, *La Política monetaria en la liberalización económica y su impacto en la sociedad. Análisis comparado México y España 1984-2008*, Julio 2017.

DT 101: José Esteban Castro, *Proceso de Monopolización y Formación del Estado: El control del agua en el Valle de México en perspectiva histórica (siglos quince a diecinueve)*, Agosto 2017.

DT 102: Alberto Berríos *et al.*, *Personas en situación sin hogar en León (Nicaragua): definición, número, características y necesidades básicas*, Septiembre 2017.

DT 103: Pablo de San Román, *Razones socioeconómicas de la democracia. Comentario a la obra de Seymour M. Lipset, El hombre político: bases sociales de la política*, Octubre 2017.

DT 104: Ramón Casilda Béjar, *México. Zonas Económicas Especiales*, Noviembre 2017.

DT 105: Dora García Fernández, *Bioética y responsabilidad. El caso de las empresas bioéticamente responsables en México*, Diciembre 2017.

DT 106: Santiago A. Barrantes González, *El derecho de los refugiados en la Unión Europea. Un análisis de la situación de las y los menores de edad no acompañados*, Enero 2018.

DT 107: Sol Lanteri, *Liberalismo, cambios institucionales y derechos de propiedad sobre la tierra. La frontera sur de Buenos Aires (segunda mitad del siglo XIX)*, Febrero 2018.

DT 108: Gerardo Manuel Medina Reyes, *Movimiento de pasajeros a través del Atlántico. Los extranjeros que desembarcaron en el puerto de Veracruz, México, 1825-1848*, Marzo 2018.

DT 109: Iván González Sarro, *La política social en México (1980-2013): alcance e impactos sobre la desigualdad económica y la pobreza*, Abril 2018.

DT 110: Noelia Rodríguez Prieto, *Los referéndums de Quebec (1980-1995). Análisis de sus causas y consecuencias*, Mayo 2018.

DT 111: Francisco Laguna Álvarez, *A Historiographic Review of the Japanese Immigration to Brazil (1908-2000)*, Junio 2018.

DT 112: Felipe Orellana Pérez, *Las bases del diseño del Estado de Bienestar chileno y las estrategias de integración panamericana en el periodo 1929-1949*, Julio 2018.

DT 113: Marco Barboza Tello, *Consideraciones acerca de la metamorfosis del mundo*, Agosto 2018.

DT 114: Ruth Adriana Ruiz Alarcón, *Presupuestos para la incorporación de una regulación del Trabajo Autónomo en Colombia: una perspectiva desde la Legislación Española*, Septiembre 2018.

DT 115: Francisco Lizcano Fernández, *Calidad de la democracia y construcción de la ciudadanía en México. Una propuesta para evaluar las evaluaciones de las instituciones involucradas en las elecciones mexicanas*, Octubre 2018.

DT 116: David Almonacid Larena, *Residencia fiscal de las personas físicas y jurídicas: aspectos internacionales*, Noviembre 2018.

DT 117: Karla Alexandra Fernández Chirinos, *El trabajo informal: análisis de las nuevas propuestas de estudio de las Ciencias Sociales y las Humanidades*, Diciembre 2018.

DT 118: José Fernando Ayala López, *México tras las elecciones del 1º de julio: crónica de una transición anunciada*, Enero 2019.

DT 119: Victoria Elena González Mantilla, *Análisis del Discurso del Comisionado de paz Luis Carlos Restrepo en la desmovilización del Bloque Norte de las Autodefensas Unidas de Colombia*, Febrero 2019.

DT 120: Pablo Rubio Apiolaza, *Los Estados Unidos y la transición a la democracia en Chile: Lecturas e influencias entre 1985 y 1988*, Marzo 2019.

DT 121: Esther Solano Gallego, *La Bolsonarización de Brasil*, Abril 2019.

DT 122: Ricardo G. Martínez; Luis F. Rial Ubago y Julián Leone, *Heterogeneidades sociales al interior de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires*, Mayo 2019.

DT 123: Adriana María Buitrago Escobar y Brigitte Daniela Florez Valverde, *El contrato de prestación de servicios de cara al concepto de trabajo decente de la OIT en Colombia: un estudio a la luz de la Teoría de la segmentación del mercado de trabajo*, Junio 2019.

DT 124: Esther Solano Gallego (Coord.), *Las derechas en Brasil*, Julio 2019.



Todas las publicaciones están disponibles en
la página Web del Instituto: www.ielat.com

© Instituto Universitario de Investigación en
Estudios Latinoamericanos (IELAT)

Los documentos de trabajo que IELAT
desarrolla contienen información analítica
sobre distintos temas y son elaborados por
diferentes miembros del Instituto u otros
profesionales colaboradores del mismo. Cada
uno de ellos ha sido seleccionado y editado
por el IELAT tras ser aprobado por la Comisión
Académica correspondiente.

Desde el IELAT animamos a que estos
documentos se utilicen y distribuyan con fines
académicos indicando siempre la fuente. La
información e interpretación contenida en los
documentos son de exclusiva responsabilidad
del autor y no necesariamente reflejan las
opiniones del IELAT.

Las propuestas de textos para ser publicados
en esta colección deben ser enviadas a
ielat@uah.es donde serán evaluadas por
pares ciegos.

Instituto Universitario de
Investigación en Estudios
Latinoamericanos
Colegio de Trinitarios
C/Trinidad 1 – 28801
Alcalá de Henares (Madrid)
España
34 – 91 885 2579
ielat@uah.es www.ielat.com

P.V.P.: 20 €

Con la colaboración de:

